

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactor-chefe A. PAMPHIRO — Redactor-secretario MARIO TRAVASSOS — Redactor-gerente JORGE DUARTE

REDACÇÃO — RUA DA QUITANDA, 74

ANNO XIII

Rio de Janeiro, 10 de Julho de 1926

N. 151

Grupo mantenedor

A. Pamphiro, Mario Travassos, Jorge Duarte (Redactores) T. Araripe (Sub-secretario) Luiz Procopio (Thezoureiro), João Pereira (Revisão), Scheleder, Nilo Val, Paes d'Andrade, Eurico Dutra, Orozimbo Pereira, Sílio Portella, Daltro Filho, Eloy Catão, Francisco Fonseca, C. C. de Abreu.

SUMMARIO

EDITORIAL:

**Deve-se reeducar
o espirito militar da Nação**

COLLABORAÇÃO:

A proposito da situação militar	Cap. J. B. Magalhães
A criação de habitos moraes pelo Exercito (trad.)	Cap. Benjamin Ribeiro
Notas á margem de exercicios tacticos	Cap. Mario Travassos
Educação	Major Agricola Bethlem
A benção das espadas	1.º Ten. Rinaldo da Camara
Radio-telegraphia	Major Amaro Bittencourt
A questão orthographica	1.º Ten. Paulo B. Teixeira
Artilharia — Exercicios na Carta	Major Sílio Portella

DA REDACÇÃO

Sugestões — «O uso do uniforme» — Para frente! — «O officialato de Reserva» — «Curso annexo á E. E. M.» — Commemorações de 24 de Maio e 11 de Junho — «O bonet unico» — «Citações e não elogios» — A falta de espaço — O thema de «A Defesa Nacional» — A educação physica Nacional. — A instrucção physica militar. — Subsídios para os Quadros de Reserva. — Bibliographia. — Expediente.

REMINGTON PORTATIL

O seu uso é tão simples que está ao alcance de todos,
independente de instruções especiaes.



Vendida pela «UNICA ORGANI-
ZAÇÃO ESPECIALIZADA DO
RAMO NO BRASIL».



Para informações mais detalhadas
queira cortar o coupon abaixo e re-
metter-nos.

S. A. CASA PRATT—Caixa 1025—Rio

NOME

RUA N.º

CIDADE EST.º

Guia do Commandante do Grupo de Combate

T. Cel. Paes de Andrade e Ten. Pavel

Tratando de tudo o que compete saber ao seu
commandante para bem dirigir a sua pequena
unidade quer na paz quer na guerra.

Preço 5\$000

NOTA — A' venda na A Defesa Nacional
á rua da Quitanda, 74 - Rio

Os pedidos de fóra devem vir acompanhados de
um sello de 500 rs. para a remessa.

BASTOS DIAS Rua Sete de Setembro, 203

Secção de Artigos Photographicos

Apparelhos photographicos, objectivas e todos os pertences para a photographia.

Secção de Drogaria

Drogas em geral e productos chimicamente puros para analyses de Merck e Kalbaun

Secção de Gravura



Apparelhos e todos os artigos para gravadores.

Agente Geral dos Snrs. A. W. Penrose & Cia.

Apparelhos e artigos em geral para gravadores

Representante de La Verrerie Scientifique - Paris

Apparelhos a vapor de Mercurio para todos os trabalhos.



MOLESTIAS NERVOSAS
MISERIA ORGANICA
NEURASTHENIA
HYGROSACCHARETO
SILVA ARAUJO
Glycerophosphatos
alcalinos glanulados

Instrução do Soldado

ontos principaes da instrução da tropa)

Pelo Cap. DERMEVAL PEIXOTO

Estão á venda os primeiros fasciculos separata da 5.^a edição deste livrinho indispensavel aos candidatos á reservista do Exercito das *Sociedades de Tiro e Estabelecimentos* onde ha instrução militar.

Completamente remodelado e em dia com os *recentes regulamentos*, abrange o programma completo da *Escola de Soldado* de accôrdo com os novos ensinamentos.

Como *livro para recrutas* encerra todos os ramos de sua instrução, expostos methodica e succintamente de modo a poderem ser lidos e entendidos por elles proprios.

Fasciculos publicados:

- I — A Educação Moral do Soldado.
- II — A Instrução Geral.
- III — A Instrução Disciplinar e de Serviços
- IV — A Instrução Physica e Treinamento de marcha.

Annexo — Organização do Exercito.

Fasciculos a seguir:

- V — A Escola do Soldado e do Grupo.
- VI — Armamento e Tiro.

A Papellaria Macedo - Rua Quizar da, 74 - Rio

Accita encomendas.

Preço de cada fasciculo . . . 1\$000
Os I, II, III e IV, reunidos . . . 5\$000

Collocação em vigilancia da bateria por meio do goniometro e da plancheta topographica

pelo

1.^o Ten. *Fernando Fonseca de Araujo*

A' venda em nossa Redacção

(Rua da Quitanda 74)

Preço: 5\$000. — Pelo Correio mais \$500

A MINHA DEFESA

Replica ao Tenente Coronel Beverina,
do Exercito Argentino,

a proposito da Campanha de 1851-1852

pelo

Cap. Genserico de Vasconcellos

Preço 2\$500

Que a Artilharia deve saber da Infantaria ?

(Pelo 1.^o Ten Mario Travassos)

Algumas conferencias sobre a carta, escriptas e lidas para os officiaes do
1.^o GRUPO DE MONTANHA,
contendo 22 croquis.

(Uteis aos officiaes de todas as armas)

Preço 5\$000 — Pelo correio 5\$500

Livraria Briguier

Rio de Janeiro

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactor-chefe A. PAMPHIRO — Redactor-secretario MARIO TRAVASSOS — Redactor-gerente JORGE DUARTE

REDACÇÃO — RUA DA QUITANDA, 74

ANNO XIII

Rio de Janeiro, 10 de Julho de 1926

N. 151

EDITORIAL

Deve-se reeducar o espirito militar da Nação

O aspecto de character mais urgente da grandiosa obra da nossa definitiva restauração militar é o de se convencerem todos — militares e civis — da gravidade do nosso problema militar e ao mesmo tempo da importancia que assume para a vida politica e social da Nação a estabilidade e efficiencia de suas forças armadas.

Para se chegar a conseguil-o ha que se fazer verdadeiro, sincero, consciente esforço de reeducação da mentalidade dos militares, como da mentalidade militar dos civis. Sem que se tenham rompido alguns preconceitos que escravizam os pensamentos e as acções de todos, nada se concretizará dos elevados ideaes que, temos a certeza, inspiram a melhor parte da nossa gente.

Se ha uma transformação profunda a realizar-se em nosso meio social, outra não é que a reeducação do espirito do nosso povo. E essa reeducação não é mais que semear ordem, disciplina e respeito á lei, e desvendar o Brasil a todos os seus filhos na grandeza de seus antepassados, nas immensas possibilidades actuaes do paiz, cuja projecção depende de nossa actividade methodica e intelligente. E' obra que exige tempo por

que requer diffusão atravez de todas as camadas sociaes e, por isso, continuidade, tenacidade; é apostolado porque é obra de fé no futuro e confiante resignação activa no presente.

*
* *

Nenhum outro aparelho tanto como o Exercito Nacional se apropria a representar o manancial de todas as energias reeducativas necessarias, a forjar os modelos a serem imitados pelos novos e respeitados pelos velhos.

Quando se diz que se deve afastar o Exercito da politica, o que se quer é assegurar-lhe a serenidade e a autoridade moral para o exercicio desta ex-celsa função. Embora saibamos da inconsciencia ou da falsidade da maior parte dos que lançam á circulação das ideias essa phrase já por demais estafada, naquelle sentido é que devem tomal-a os que dedicam o melhor de suas forças á grandeza do Exercito e da Patria.

Nada de pensar-se que o Exercito se deve crucificar no silencio de sua vida profissional e quedar-se indifferente á sorte administrativa e politica da so-

cidade brasileira. Seria, então, a maior deshonra vestir o uniforme de um tal Exército.

Paiz novo como somos, o nosso Exército pôde e deve continuar a intervir, como sempre, na vida da Nação. *Apenas, os methodos e processos é que podem e devem ser outros.*

Em tempos, que já longe vão, o official brasileiro não dispunha senão de sua espada, não podia senão intervir pela força nos destinos da nacionalidade. Foi com a espada, embora nem sempre jorrasse abundante o sangue patricio, que se fizeram todas as nossas conquistas sociaes, todos os lanços politicos da nacionalidade. Com a espada em punho em defesa de ideias os mais alevantados perderam a vida chefes impollutos em movimentos que o destino quiz que fracasassem. Os vencedores d'aquellas jornadas são os glorificados da Historia, os vencidos destas ultimas jazem á sombra amena do respeito de todos nós.

Actualmente, porem, o official brasileiro dispõe da conscripção e da instituição do officialato de reserva, como dois poderosos meios de minar e destruir todas as deficiencias administrativas, todos os maus habitos politicos que infelicitam e até mesmo degradam a Nação. Basta esforçar-se por tornar realidade essas duas formidaveis armas — dar eficiencia á organização do Exército e á organização militar da Nação — para que possa refundir, reeducar de modo completo e radical o espirito de nossa gente.

Alem disso, nos tempos actuaes, as acções pela força têm repercuições que as de outras epocas não podiam produzir. As relações internacionaes, o vulto das nossas transações commerciaes, o desenvolvimento economico e industrial do paiz, são de tal monta que se faz mais mal do que bem quando se parte a gume de espada um fio que seja d'essa complexa urdidura.

O official brasileiro deve ser o sacerdote sereno e convicto da resurreição nacional, fazendo da Caserna, do Exército Nacional o templo onde todas as forças nacionaes venham tomar o banho lustral para novas e proveitosas actuações.

Dir-se-ia que tudo isso é puro e bello idealismo. Não o contestamos, em parte. Como exercer o papel que nos cabe sem uma dóse forte de idealismo? Como reconstruir a mentalidade de uma corporação inteira para, por transfusão, reeducar a de todo um povo senão dispondo de inesgotavel capacidade sonhadora? Como viver e trabalhar para o futuro, sem que se eleve o espirito acima das contingencias ambientes?

Apenas diríamos que esse idealismo repousa em base cuja solidez, depende muito mais de nós que de quem quer que seja. Evidentemente, sem que esteja montado o apparelho sem o qual nada se fará, tudo isso será, sómente, puro e bello idealismo. Mas, se de começo, fizermos notavel esforço por nossa eficiencia militar, obteremos, em curto prazo, os meios para actuar, para traduzir em obras todo o idealismo de que nos tivermos imantado e — por que não dizer — e tanto mais quanto maior tenha sido a dose desse mesmo idealismo que nosso organismo militar tenha assimilado.

E, antes que terminemos, devemos convir, para que não sejamos injustos, que nem tudo está perdido.

Nos meios civis publicam-se livros, fazem-se conferencias, estabelecem-se cursos, tendo-se em vista dar á massa dos instruidos a consciencia do Brazil.

D'entre os homens publicos ainda ha dos que têm a honestidade administrativa como ponto de honra.

Nos proprios meios politicos, onde o profissionalismo mais abastardou e acalcanhou a alma da Nação, contam-se ainda os que velam — *sem fazer politica com suas attitudes* — pela honra e grandeza nacionaes.

A mocidade academica, essa então, tem sua alma aberta a todas as ideias sadias, seu coração sempre prompto a tornar isochronos os seus movimentos com o rithmo das aspirações nacionaes. Ainda agora acaba de proval-o, respondendo com sua presença nas praças de exercicios ao appello que *um só official* lhe fez para que concorresse á formação dos nossos quadros de reserva.

Que faria, que resultados conseguiria a massa de nossos officiaes — cada um actuando segundo suas aptidões e ten

dencias — se toda ella fizesse sua actividade gravitar em torno do mesmo pensamento de reeducar o espirito militar da Nação?

*

* *

E' certo que por toda parte encontraríamos pontos de apoio para operarmos o grande milagre de reeducar o espirito militar da Nação, ensinando-se, com a palavra e sobretudo com o exemplo, que as instituições armadas no Brasil teem, além de pesadas responsabilidades decorrentes do nosso complexo problema militar, um papel de todo preponderante na estabilidade politica da Nação; restabelecendo-se a confiança em nossos propósitos e radicando-se na consciencia de todos a verdade de que, para termos o Exercito que devemos ter, é imprescindivel e inadiavel que todos sintam a defesa nacional como a hyper-synthese dos

problemas nacionaes, no dizer de um jornalista moço e cheio de fé.

Que todos saibam que é tão ultrajante, para nós, fazer e depôr situações politicas, como se capangas fossemos das facções disputantes, do mesmo modo que foi para o Exercito de 87 pegar escravos foragidos, fazendo de capitão do matto; que todos se convençam de que nossa missão deve pairar muito acima dos interesses e paixões politicas e que é mais honroso e mais bello reformar a Nação, sem nada destruir, pela catechese, pelo exemplo, pela transfusão emfim, de ideaes sãos, da pratica do dever nacional constante.

Tratemos de orientar o Exercito Nacional para os altos objectivos de sua finalidade politica, social e militar para que possamos elevar o Brasil á altura de seus incomparaveis designios.

Não malbaratemos mais a nossa actividade, as nossas possibilidades, o nosso immenso amôr ao Brasil.

«Suggestões»

Foi verdadeiramente animador o acolhimento que mereceu de nossos camaradas a novidade das «Suggestões», pelo menos a julgar-se pelo vulto que as mesmas tomaram no curto prazo que mediou entre a sahida do nosso ultimo numero e a data fixada para a apresentação das mesmas.

Essa é mais uma demonstração da vitalidade de nosso meio militar, cujas manifestações desejavamos ver melhor coordenadas para que produzissem no Exercito e na Nação todos os beneficios de que são capazes.

Ao contrario, porém, do que intencionavamos, as «Suggestões» não apparecem em blóco, constituindo uma secção. Já mantemos em nossa Revista uma secção que de nenhum modo deve desaparecer (Subsidios para os Quadros de Reserva) e o espaço disponivel em um numero singelo não comportaria duas secções. Assim, as «Suggestões» sahirão esparsas pelo texto.

Todas as «Suggestões» publicadas cujos auctores não desejem ver seus nomes vir a lume serão encampadas pela Redacção. Neste caso o texto virá entre aspas para que se não confunda com as notas da Redacção. O mesmo se fará com os seus titulos no *Summario*.

Gratos.

O uso do uniforme

«Cada dia se fazem mais urgentes providencias que regulem definitivamente o uso do uniforme pelos atiradores, sejam elles dos Tiros ou das Academias.

Os abusos registados são de molde a não se poder mais tolerar-os.

Os jovens que teem o direito de usar o uniforme de atirador, fazem-no a seu modo, attendendo mais ás conveniencias pessoas que á compostura militar.

Por toda a parte e a todas as horas se encontram rapazes fardados — nas repartições publicas, nos escriptorios e balcões commerciaes, nos logradouros publicos os mais diversos, mesmo nos mais escusos.

Com isso soffre o espirito militar dos portadores do uniforme e a disciplina, porque não se pode exigir delles ou applicar-lhes o que os regulamentos prescrevem.

Seria muito bom que se puzessem limites nesses attentados á digindidade dos nossos militares. Os estrangeiros e grande parte da população civil, diante um desses «soldados», não sabem do que se trata e hão de ficar fazendo um juizo muito triste das nossas coisas militares, a julgarem por esse seu aspecto comedido, elemental — o uso do uniforme».

PARA FRENTE !

Com o presente numero retomamos a nossa publicação mensal. E' que as nossas previsões sobre os effeitos de determinadas medidas postas em pratica se produziram de modo muito mais rapido que esperavamos.

Attingido esse objectivo visamos agora outro — continuar a construir a Bibliotheca de «A Defesa Nacional», facilitando assim aos nossos assignantes a publicação de seus trabalhos em fasciculos, reunidos depois em livro.

Este outro objectivo, infelizmente, parece estar muito mais afastado do que o que vimos de attingir.

A nossa Revista, na longa travessia desses annos de tormenta, teve que arcar com compromissos de muito superiores ás suas possibilidades, compromissos esses aggravados pela decisão que tomamos, embora a contragosto, de eliminar do registro de assignantes todos os que se tinham esquecido *muitas vezes*, do dever elementar de contribuir materialmente para a manutenção d'ella.

Se esses nossos camaradas viessem a juntar-se com os novos assignantes cujo numero vae crescendo animadamente; se novas perturbações não sobrevirem á nossa economia interna não se terminará o semestre que ora começamos sem que possamos dar á estampa o primeiro d'aquelles trabalhos que se apresenta.

O melhor symptoma do nosso novo surto está na carencia de espaço que se fez sentir já no presente numero. Chega-nos collaboração de todos os quadros e de todos os lados accodem as «Sugestões». A «Nota Importante» que publicamos logo após o Editorial do nosso ultimo numero duplo teve toda a projecção que lhe attribuímos.

*
**

E a imprensa diaria ecoou o apparecimento do nosso ultimo numero de modo verdadeiramente captivante: «A Patria» transcreveu nosso Editorial; «O Jornal», registou-o lisongeiramente e «A Noite» deu o seguinte topico:

«Sob a orientação de um nucleo, brilhante, esclarecido e dedicado, de modernos espiritos — retomou a «Defesa Nacional» sua existencia util ao Exercito e á nação.

E' o labor, tenaz e afeiçoado, da joven officialidade, a cujos ouvidos não chegam os rumores das discordias cá de fóra.

E' o trabalho da colméa, a vida silenciosa dos que, produzindo incessantemente, se contentam com a propria certeza de que estão a cumprir o dever de zelar pela defesa da patria.

Nesta ordem de idéas, o numero da prestigiosa publicação, que temos sobre a mesa, é uma affirmacão notavel de valores technicos e de consciencia brasileira».

O Director deste vespertino — o Dr. Diniz Junior — escrevendo a um dos nossos redactores, exprimiu-se assim:

«Faz muito mais de um decennio que, na intimidade d'aquelle official eminente (Genserico Vasconcellos) e de outros, como Souza Reis, tão grande que muito o havemos de chorar, que me habituei a desejar expandir, por todo este immenso paiz adormecido, os estímulos que o levassem a comprehender, de vez, os principios em que se fundam as organizações militares hodiernas.

Em duas palavras: fazel-o perceber que a defesa nacional é a resultante da connexão de todas as actividades uteis e creadoras.

Impunha-se-nos, entretanto, começar por integrar essa idéa no proprio sentimento dos homens de farda.

Um nucleo prestigioso sustentava-a debaixo da cupula do Estado-Maior.

Resistencia havia, porém, que emparedava a acção dessa brilhante élite.

Obra de preconceito.

Vigor de velhas e profundas raizes.

Este numero da «Defesa Nacional», em que, da 1.^a á ultima pagina, o que se vê é como que a irradiação daquelles principios, enche de satisfação os que, tal qual eu, sózinhos, no mundo civil, propugnam, ha tanto, por essa obra de fortalecimento, cohesão e grandeza do Brasil.

Transmitta, pois, aos seus camaradas o testemunho do jubilo com que acolho, a orientação nova da grande publicação militar».

Mesmo no interior do paiz houve grata repercussão do nosso novo esforço.

«A Folha», diario que ha 26 annos se publica em Jundiahy sob a direcção dos senhores Tiburcio Siqueira e Francisco Siqueira, publicou uma nota sobre «A Defesa Nacional» da qual extrahimos o seguinte topico:

«Essa revista já entrou em seu 13.^o anno de existencia, sempre com a mesma prosperidade e acolhimento dos primeiros tempos de sua fundação. E' que esse orgam durante tão longa existencia, jamais se afastara do escôpo que ditou sua fundação: a preparação profissional e technica das nossas instituições armadas. Como o seu proprio nome o indica, e dado o character de generalidade da revista, nella podem ser ventillados todos os assumptos de interesses directo, com a defeza da patria, mesmo que o seja feito por civis, desde que objective tão somente os altos e sagrados interesses patrios».

*
**

Os actuaes Redactores se aproveitam desta oportunidade para agradecer a todos o concurso que prestam a «A Defesa Nacional».

Nesta casa não se veem pessoas, nem partidos, por isso que ha só uma entidade que é o Brasil e só interessa a defesa da integridade nacional que é o dever de todos os brasileiros.

A proposito da situação militar

Pelo Cap. J. B. Magalhães

« Mais notre imprevoyance nos aveugle sur ce que nous avons de mieux à faire ».

II PARTE

Procurámos constatar em nosso artigo anterior a inilludível necessidade de submetermos nossa conducta a um regimem de leis inexoraveis, tidas sempre por fixas e immutaveis. Logicamente, verifica-se como predominante a lei geral de subordinação, a mais universal de todas as leis e condicção fundamental da ordem e portanto primeira condicção de progresso.

Desse regimem, colhe-se immediatamente um resultado: a formação de uma mentalidade, bem definida, uniforme, positiva, porque é construída sobre bases positivas. Realisa-se, assim, um equilibrio, que permite formar a previsão. Fóra desse regimem, gera-se um estado de revolta, latente ou não, do qual resulta uma anarchia mais ou menos activa, sempre regressiva ou no minimo perturbadora.

Sem subordinação, a disciplina é impossivel, donde impossibilidade consequente de coordenar esforços.

A constatação perenne de um estado de subordinação é a suprema expressão da perfeição. A elle só pode attingir o homem culto que possua em si eminentes qualidades de intelligencia, de coração e de caracter.

Nós outros — a quasi universalidade — faremos muito, e bastante, revelando em nossos pensamentos e actos uma tendencia crescente e continua em traçarmos nossa conducta subordinada a leis. E' o sufficiente para os nossos recursos mediocres.

Assim, contribuiremos de facto para o progresso da collectividade e asseguraremos o individual.

Revelamos, por outro lado, por esse simples facto, a posse de uma mentalidade que permite fazer interpretações logicas e coherentes dos phenomenos.

Mas para que o individuo chegue assim a integralisar-se na civilisação, tornando-se convergente com os outros membros da sociedade, é-lhe indispensavel instruir-se para conhecer as leis, educar-se para lhes obedecer voluntariamente, sem resistencias nem atritos.

Para isso possui dois recursos: a influencia dominante de um ambiente social favoravel, de cultura elevada; ou a acção systematica de mestres (vivos) com aproveitamento das auto reacções. Só individuos excepcionais poderão dispensar os mestres, instruindo-se sós e educando-se exclusivamente pelas auto-reacções. Estes possuirão intelligencia e vontade de elite.

A cultura systematica sob a direcção de mestres é propria a todos, e não dispensa as auto reacções, que hão de ser tanto mais intensas, quanto mais elevado fôr o grau de desenvolvimento. De qualquer modo, a influencia de um mestre é sempre util porque, no minimo, exerce uma acção acceleradora sensivel, tanto mais sensivel quanto mais desenvolvidos forem os recursos naturais do individuo.

No que diz respeito ás necessidades da guerra é evidente a nossa insufficiencia geral. Tudo nos falta: desde o soldado até o armamento; desde o official de reserva até os generais; desde a infantaria até a aviação.

Mas, falta-nos sobre tudo o conhecimento das leis que regem o phenomeno da guerra em todos os seus aspectos, desde a preparação até a execução. E, coisa curiosa, conhecemos já melhor os misteres da execução que as da preparação.

Assim, falta-nos a base principal sobre que assentar qualquer construcção: uma mentalidade apropiada.

Não se pode, portanto, estranhar a indifferença da nação pelas necessidades primaciaes de sua defeza.

A ausencia real da mentalidade propria a uma organisação efficiente da defesa nacional, revela-se, não nos nossos pensamentos e discursos, mas em nossos actos. E são os actos que definem a assimilação real de uma doutrina e a existencia de uma mentalidade. As palavras não têm valor pratico quando não n'as coadjuva a acção.

Falta-nos continuidade na acção, marcamos passo, retrocedemos e oscillamos constantemente em torno de questões eternamente debatidas. A preocupação dos detalhes que a realisação pratica das medidas julgadas necessarias impõe, faz-nos perder a concepção geral dominante e perturbar a ordem de urgencia que a execução deve prever. A predominancia das situações individuais, faz esquecer inteiramente até os proprios deveres dos individuos para com o todo. E' um exemplo frisante, caracteristico e lastimavel a dificuldade em fazer funcção certos cursos de instrucção para os officiais, que lutam com resistencias inexplicaveis. Essas difficuldades, e quiçá impossibilidades, accusam a existencia de principios e habitos absurdos, tais como: — a nação deve pagar e sustentar technicos, mesmo que estes sejam incapazes de manejar a sua technica; uma hierarchia em que os mais altos postos não indicam os mais completos conhecimentos, a maior capacidade geral.

Tudo isto traduz uma mentalidade anarchica ou mesmo a ausencia de qualquer mentalidade que não seja infantil.

Não pode haver, portanto, um ambiente social favoravel, a ponto de assegurar por si só a formação adeantada dos individuos e sem o qual é difficil ter um progresso estavel.

E' indispensavel formal-o e este deve ser o primeiro, o mais urgente trabalho.

Ora, a sociedade é formada por individuos mas é dominada e dirigida por algum delles, em regra os mais eminentes, os mais esclarecidos, os mais sagazes, os mais energicos, os mais tenazes e um pouco mais raramente, os mais sinceros.

Si estes possuirem uma mentalidade definida e uniforme a sociedade em bloco, tomará a mesma mentalidade.

Desde então estará preparada para desenvolver-se acceleradamente, sem oppressões nem violencias, porque todos

compreenderão as necessidades e se submeterão ás leis.

Este phenomeno, porem, só será perceptivel quando os individuos eminentes forem em numero bastante para poderem dominar as sophismas dos egoistas, dos falsos talentos, dos interesseiros etc. que formam camada espessa, de apparencia (apenas apparencia) impenetravel entre a nação, as instituições e as suas verdadeiras conveniencias.

No nosso estado actual, trata-se primeiro, então, de achar os individuos capazes de produzirem a reacção, despertal-os, esclarecel-os e congregal-os.

Esse, faz-se, de certo o principal dever dos que comprehendem já estas necessidades fundamentais e devem agir conforme todos os meios ao seu alcance. E devem ter em vista que, si uma boa preparação technica é necessaria e util, não é sufficiente, porque não é o problema só de instrucção e, sim, soberanamente, de educação. A prova é simples: muitos officiais, já instruidos pela M.M.F., não adquiriram uma modificação sensivel nos seus habitos e aspirações e ficam distraidos em situações que lhes offerecem mais vantagens materiais, embora inteiramente inuteis ao problema da nossa guerra. Nessas condições, vemos que as responsabilidades morais são tanto mais accrescidas quanto mais vastos são os recursos intellectuais dos individuos, mais elevada sua situação hierarchica, e mais amplas, em summa, suas capacidade e esphera de acção. E isto porque as bases mentais sobre que se hão construir os edificios magestosos proprios ao estado actual de nossa cultura civilisada, terão que ser a pouco e pouco constituídas por uma propaganda intelligente, e que só por elles pode ser feito, activa e energica dos principios que se vêm verificando atravez dos seculos como dominantes da situação material e moral dos homens, e em consequencia dos habitos que a obediencia a elles impõe.

Pelo exposto até aqui, e pelo que segue, vemos que deixam de ser razoaveis as justificativas apresentadas para o estado actual de insufficiencia geral das

forças armadas e que tudo attribuem á propria incultura da nação. O argumento principal é que o Exercito e a Armada são partes integrantes da nação e por ella constituídos com todos os seus vícios e defeitos.

Ora, temos ahi uma verdade, mas incompleta.

E' o Exercito uma parte da nação e della toma necessariamente as características, mas submettido a condições especiais de existencia, dispondo de meios proprios e exclusivos, deve ser considerado a parte.

O Exercito definha, diz-se, porque a nação não possui mentalidade propria ao desenvolvimento de suas instituições guerreiras. E' verdade, sem duvida; elle, porem, que sente directamente o phenomeno tem o dever de reagir e esclarecel-a.

Essa reacção deve manifestar-se por processos e meios apropriados e proporcionais ás necessidades. Não bastam discursos, nem leis que se não cumprem, nem mesmo uma conducta particular impecavel, é indispensavel não só actuar com firmeza em todas as relações com os elementos dirigentes do mundo civil, como impôr-se moralmente por um valor profissional indiscutivel e dando impressões reais de que tem em si realisado tudo que de si depende: cultura e disciplina.

Não é precisamente isso que se passa. O Exercito, não só deixa de reagir contra a sua dissolução como a auxilia despenhando-se pelo abysmo insondavel das competições pessoais, na disputa de vantagens e permitindo e aplaudindo até que muitos de seus membros façam vida civil sem deixar a vaga, nem os soldos.

Intermuros mesmo, nas promoções e outras designações para certas commissões ou cargos não se tem em vista o interesse nacional presente ou futuro, antes prevalecem as sympathias e amizades pessoais. Cria-se assim n'elle uma classe de «profiteurs»; nada fica que de facto convenha aos interesses da defeza nacional.

E todo este estado de coisas diz-se, é mera consequencia da situação moral da nação em geral.

Para nós, porém, é como dissemos uma verdade incompleta, e um argumento tão commodista como egoista.

Toda educação e instrucção do militar visa a acção na guerra que é um

estado de crise e que se desenvolve de crise em crise, portanto é num momento como o actual que as militares encontram campo vasto a applicação das qualidades individuais que devem ter. O aspecto geral não revela, porem, que as qualidades proprias a luta tenham tido grande desenvolvimento, porque entre o desanimo e a sofreguidão de melhorar a situação material individual, se debate a grande maioria.

Temos ahi claramente denunciado que o factor principal da situação actual não está, pois, na incultura e desmoralisação da nação e, sim, tem residencia nas proprias classes armadas.

Denuncia-se nella com seus erros internos, cuja correcção não depende senão do cumprimento do dever por toda hierarchia militar, com sua incultura e consequentemente uma mentalidade retardada, por vezes infantil, sempre perturbadora.

A defeza nacional não pode ser organizada sem o concurso da nação, mas a cultura do Exercito pode ser levada a grao bastante elevado sem ella. Suas escolas de officiais podem ter frequencia normal e obrigatoria; sua disciplina pode ser rigorosa, intelligente e justa; seus deveres internos cumpridos ao maximo, unicamente e exclusivamente com recursos que possuímos e dentro dos escassos orçamentos. Enquanto, porem, não puder o Exercito corrigir-se de defeitos que independem do maior ou menor patriotismo e de cultura apropriada dos elementos civis influentes, não terá força moral bastante para fazer ouvir e prevalecer os seus reclamos.

Elle terá antes de tudo de criar uma mentalidade normal e revelal-a por actos correntes de sua vida corrente.

Para chegar até lá cabe a todos que comprehendem a necessidade, qualquer que seja a sua situação hierarchica, contribuir pelos meios a seu alcance, pensamentos e actos, para:

— a formação de uma mentalidade militar, guerreira, unica, revelada nos habitos e costumes e aspirações;

— a formação de uma hierarchia de facto, onde cada grao revele uma situação de cultura intellectual, de character, de civismo, de moral.

Tudo isto, porem, se funda no conhecimento das leis gerais, fixas e imutaveis.

(Continúa).

A criação de hábitos moraes pelo exercito

Trad. do Cap. Benjamin Ribeiro

Em seus discursos quasi todos os chefes de Estado falam do desarmamento, mas, ao mesmo tempo, augmentam os seus orçamentos de guerra, porque sabem muito bem que a unica probabilidade de paz reside na potencia militar dos exercitos. Hoje, mais do que nunca, para viver é preciso ser forte. Os armamentos são financeiramente desastrosos, porque obrigam povos meio arruinados a empobrecer ainda mais; mas o exemplo da Allemanha é sufficiente, para mostrar o que custa em nossos dias uma derrota. A necessidade de conservar em armas tropas dispendiosas parece tanto mais honeroso quanto um exercito representa um utensilio raramente empregado. Somos, então, conduzidos a propor a seguinte questão: — Este utensilio, tão custoso, não poderia ser utilizado a não ser para guerra? Ora, é facil demonstrar que fóra do seu fim guerreiro a educação militar poderá prestar ao pòvo os mais assignalados serviços.

Lembra-me haver lido a affirmação do celebre chimico Ostwald de que a supremacia industrial dos Germanos provinha de que só elles possuíam o segredo da organização. Esta superioridade, cuja origem o proprio Ostwald não a comprehendia bem, resulta muito menos das qualidades intellectuaes, adquiridas na Universidade, que de certas qualidades de character, táes como: — Ordem, disciplina, pontualidade, solidariedade, sentimento do dever, etc.... que a Universidade não ensina.

Nota do traductor — Como me parece que se enquadram, perfeitamente ás nossas condições de povo intelligente mas um tanto indisciplinado, de educação moral deficiente e com brechas graves na formação do character, naturalmente devido a esta amalgama ethnica de que nos estamos constituindo, julguei poder ser útil, aos meus patricios, traduzindo este bello capitulo de uma das grandes obras de Gustavo Lebon, para que elle seja conhecido e meditado por todos aquelles que precisam ficar convencidos, como eu, de que sómente pelo Exercito, com uma incorporação annual de 40 a 50 mil conscriptos, conseguiremos disciplinar e moralizar, dentro de pouco tempo, uma boa parte da nossa sociedade civil, dotando-a das qualidades de character indispensavel aos grandes commettimentos, nos diversos ramos da actividade nacional, notadamente no scientifico e industrial, que

O Ministro Helfferich tinha visão mais justa das causas da superioridade dos seus compatriotas, quando declarava o fim da passagem forçada de todos os jovens allemães pela CASERNA, onde adqueriam as qualidades de character indispensaveis á nova evolução scientifica e industrial do mundo. Inutil é objectar que os americanos, outr'ora sem exercito, attingiram, todavia, uma grande prosperidade industrial. Suas qualidades de ordem, de solidariedade, de pontualidade e de disciplina, eram devidas, como as dos inglezes, á pratica dos esportes em que a disciplina se impõe tão rigorosamente como na caserna.

Como póde o regimem militar inculcar táes qualidades? Aqui nos encontramos em presença de um formidavel problema de moral que merece se lhe chame a pedra de toque de todos os philosophos: (Pode-se julgar do passo seguinte, do eminente philosopho, Beutreaux, a que ponto são confusas as idéas sobre moral dos nossos mais illustres universitarios. Atravez de sua extrema variedade todos os systemas de moral tem consistido em tomar por principio uma certa noção do bem como objecto difinitivo proposto á nossa actividade, e em procurar, em seguida, em um livre consentimento da intelligencia, do coração e da vontade, o impulso da acção dirigida para esse fim).

Este problema é, na essencia, assaz simples, ainda que homens como Kant tenham-lhe desconhecido completamente os elementos. Para o illustre philosopho

são os factores maximos do progresso de um povo. Para isso é necessario, entretanto, que consideremos a disciplina como uma necessidade de ordem indispensavel e a respeitemos com verdadeiro culto, praticando-a com bondade e amor, para assim podermos bem cumprir a nobilitante missão que temos de desempenhar como instructores e educadores: — instructores, ensinando ás novas gerações de conscriptos a manobrar como soldados para defender a nossa querida patria em uma emergencia qualquer; educadores, educando-as, instruindo-as, disciplinando-as e moralizando-as pelo exemplo de um procedimento irreprehensivel, para que regressando ao seio da sociedade civil d'onde vieram levem comsigo esse valioso cabedal que nem mesmo as diversas vicissitudes da vida poderão siquer modificar-o.

não existia moral possível sem sanção, isto é, sem recompensa e sem castigo. O crime tornando-se, muitas vezes, impune aqui na terra, e a ivrtude sem recompensa, Kant deduzio a necessidade de uma vida futura e a de um Deus remunerador. Moral desprovida de sanção, seria, pois, segundo Kant, impossível. Estas concepções tornaram-se classicas em o nosso ensino, não obstante o eminente philosopho Bergson, ter sido, durante muito tempo, talvez o unico, com o autor desta obra, a regeital-as completamente. Si elle as repellia éra em virtude de razões um pouco differentes d'aquellas que expuz em outro livro e do qual eis aqui a substancia: — Kant, como todos os philosophos racionalistas, acreditava que o homem éra guiado na vida por sua intelligencia, emquanto que elle o é, na realidade, sobre tudo, pelos sentimentos de que deriva o seu caracter. De facto, não é absolutamente o temor do castigo e a esperança de recompensa que fazem respeitar o dever moral. Este respeito não se encontra constituido senão depois de tornar-se um habito. O homem obedece, então, a certas regras de proceder sem as discutir. E' neste momento preciso que a moral está formada.

A moral puramente racional dos professores, na qual cada acto exigisse uma deliberação intellectual, formaria uma pobre moral. O homem não tendo outra norma de procedimento inspiraria pouca confiança. O erro de Kant, deriva-se de que, ignorando a força de um inconsciente convenientemente educado, não podia suppol-o assaz forte para substituir as sanções presentes e futuras. Estas sanções pareciam-lhe pois, indispensaveis.

Como crear esta moral inconsciente, unico guia seguro do proceder? Como, em outros termos, transformar em habitos a observação de leis moraes sem as quaes uma sociedade cáe depressa na anarchia?... Um só methodo permite obter este resultado: — REPETIR MUITAS VEZES O ACTO QUE DEVE TORNAR-SE HABITO. Este acto representa, a principio, um embaraço, o alumno não chega a pratical-o senão por constrangimento isto é, sob a influencia de uma disciplina rigida. Uma tal disciplina sendo difficil na familia e na escola, muitos homens não têm outra moral que a do grupo social a que pertencem, fóra do

temor, assaz fraco, que hoje inspira a policia.

Esta disciplina rigida, mas necessaria para crear uma moralidade inconsciente, se obtem, ao contrario, facilmente, no Exercito, porque só elle possui os meios de constrangimento aos quaes não se lhes resiste .

Seu rigor não é, todavia, penoso senão no começo, porque á disciplina externa, imposta, se substitue ,muito cedo, a disciplina interna expontanea, constituindo o habito. O homem assim formado é comparavel ao cyclista que percorre sem esforço os caminhos mais difficeis ao passo que no começo não o fez sem grande difficuldade.

Os povos que tenham adquerido uma disciplina, interna, constituindo uma moral estabilizada, são, só por este facto, muito superiores aos que não a possuem. A criação de habitos moraes, por meio da disciplina militar, repousa sobre o principio psychologico, muito seguro, das associações por contiguidade, e pode-se formulal-o da maneira seguinte: — LOGO QUE IMPRESSÕES SÃO PRODUZIDAS, SIMULTANEAMENTE, OU SE TEM SUCCEDIDO IMMEDIATAMENTE, É SUFFICIENTE QUE UMA D'ELLAS SE APRESENTE AO ESPIRITO PARA QUE AS OUTRAS SEJAM INVOCADAS IMMEDIATAMENTE. A associação por contiguidade é necessaria para criar o habito. Bem estabelecido, este habito torna inutil a representação mental da associação.

Para melhor fazer comprehender a força da educação inconsciente e mostrar como pode sobreviver ao consciente, desaggregado por uma causa qualquer, recordarei um caso bem completo, observado outr'ora pelo illustre general Maud' Huy o qual jamáis perdeu uma occasião de me fazer sentir que se considéra um dos meus dedicados discipulos. O então commandante vio, certo dia, entrar em seu gaibnete um sargento de serviço, que lhe foi comunicar, muito sobresaltado, que um soldado turbulento fazia desordens em seu alojamento, quebrando tudo e ameaçando com sua baioneta o primeiro que d'elle se aproximasse. Que fazer? Theoricamente parecia muito simples: — lançar varios homens sobre o furioso para dominal-o, porém isto seria expol-os a serem mortos ou feridos. A psychologia

não forneceria meio mais subtil? O futuro general depressa o encontrou. Lembrando-se que a educação inconsciente sobrevive ás perturbações do meio consciente, dirigio-se para o alojamento onde gesticulava o ébrio, abriu rapidamente a porta e com voz de estentor commandou: — SENTIDO! SUSPENDER ARMA! DESCANÇAR ARMA! DESCANÇAR! As ordens foram immediata e automaticamente executadas, tornando-se facil desarmar o soldado, cuja alma consciente tinha sido perturbada pela embriaguez, mas cujo habito inconsciente não tinha sido ainda attingido.

Para terminar com o principio fecundo das associações por contiguidade farei notar que elle serve de base a todas as formas possiveis da educação, quer entre os animaes quer entre os homens, tanto que os explicadores mais subtis não se servem de outros. Este mesmo principio contem a solução de problemas de aspecto insolúvel, por exemplo: — Impedir um Brochet (especie de peixe muito voraz como a nossa Piranha) de comer os peixinhos com elle encerrados no mesmo aquario. Esta experiencia é muito conhecida para que seja util recordal-a miudamente.

A criação de habitos moraes por via de associação se encontra facilitada, graças á applicação desta outra lei psychologica: — IMPRESSÕES FRACAS POR MAIS REPETIDAS QUE SEJAM, NÃO TEM, JAMAIS, A POTENCIA DE IMPRESSÕES POUCO REPETIDAS MAS MUITO FORTES. E' em virtude deste principio, que tive outr'ora occasião de applicar ao adestramento de cavallos pouco intelligentes, que o castigo de uma violação da disciplina, pode ser raro se for severo. E' por essa razão ainda que, no grande collegio de Eton, frequentado pelos filhos da alta aristocracia ingleza, o superior açoitá, elle proprio, em publico, o alumno que profere uma mentira. Esta pena humilhante tem como resultado inspirar aos jovens um horror tão intenso á mentira que, raramente, ella tem necessidade de ser applicada.

A immensa superioridade da disciplina militar sobre a da escola e, sobre tudo a da familia, é, repito, porque não se resiste á primeira enquanto que a disciplina escolar ou a familiar não se com-

põem senão de admoestações sem força e conselhos sem prestigio.

A criação de habitos militares e moraes demanda um certo tempo e a sua duração tem sido muito discutida algures pelos partidarios do serviço militar reduzido a alguns mezes. A questão se tem apresentado a diversos paizes, notadamente á Belgica, cujo Rei Alberto, demonstrou, a este proposito, conhecimentos psychologicos que me tinham já impressionado no decorrer de uma conversão que tive com elle. Com o fim de obter o prolongamento do serviço militar de dez para quatorze mezes dizia elle: — Diminuir a duração do tempo do serviço militar a menos de um certo limite é cair no systema das milicias. Ora, a experiencia prova que as milicias jamais se mantiveram deante de uma força regular e bem treinada. Acredita-se, entretanto, encontrar um correctivo em um potente armamento, mas uma tropa sem disciplina e sem cohesão não saberá defender este armamento.

O leitor entrevê agora, penso eu, a utilidade do regimen militar sobre a formação do character e da moral de um povo. O official póde e deve tornar-se o verdadeiro educador da mocidade chamada hoje a passar pela caserna e temendo, ás vezes sem razão, perder o seu tempo. Ensinar o soldado a manobrar não deve ser mais do que uma parte do trabalho dos chefes. O habito de manejar os homens transformou muitos officiaes em verdadeiros psychologos alguns d'elles, pouco numerosos ainda, tinham comprehendido de ha muito tempo esta face do seu papel. E' assim que, por exemplo, ha alguns annos, o General Gaucher, então chefe do estado maior, publicou uma série de conferencias sobre: — A PSYCHOLOGIA DA TROPA E DO COMMANDO. — em que se encontravam reproduzidos varios capitulos das minhas obras.

No que concerne, notadamente, á educação moral, o autor mostrou muito bem as diferenças dos modos de criação da moralidade individual e da moralidade collectiva. Sem duvida um chefe poderá suscitar em sua tropa qualidades elevadas: — abnegação, devotamento, desinteresse, sacrificio da vida etc....; mas esta moralidade transitoria não sobrevive á influencia do chefe que a criou, enquanto

que persiste a moralidade individual, transformada em habito, segundo os principios que acabo de expôr. Logo que o caracter esteja educado, assim como a intelligencia, o homem possui um capital mental muito superior aos capitães materiaes. Os acontecimentos podem, com effeito, destruir estes ultimos mas nem sequer offendem o primeiro.

Todos os povos modernos, os latinos, sobre tudo, têm necessidade de uma educação moral, que os dote de um capital

mental solido; sómente o Exercito, repito, poderá fazel-os adqueril-a. Nosso futuro dependerá, pois, da educação moral recebida pela nova geração. Intelligencia todo mundo possui em França e é por isso que a mocidade se carrega tão facilmente de diplomas. Infelizmente as qualidades do character não são desenvolvidas no mesmo gráo. Ora, na phase da evolução em que o mundo se encontra, hoje, é a posse dessas qualidades que determinará o futuro dos povos.

O officialato de reserva

«A propaganda do Serviço Militar se fez tão intensivamente, que todas as complexas necessidades do nosso Exercito em reservas ficaram reduzidas, no espirito publico, ao dever da prestação do serviço nas fileiras.

Mesmo os cidadãos mais esclarecidos não se apercebem ainda de que o imposto de sangue deve abranger limites muito mais vastos.

Ainda por ocasião da mobilisação realisada para a grande parada commemorativa do Centenario da Independencia poude-se apreciar até onde se verifica esse prejuizo.

Quem quer que, estando arregimentado, tenha sentido o constrangimento de certos patricios sujeitos á revisão do manejo d'arma e das evoluções por um simples cabo d'esquadra poderá testemunhal-o.

Contaram-nos que certo engenheiro, um dos chefes de importante Companhia Construtora desta Capital, jamais se conformara com a situação em que o collocou a citada mobilisação.

Nem era para menos. Mas a culpa não estava na organização do serviço. A causa do real e justo constrangimento se encontrava na cathegoria militar e civil do mobilisado.

Como se pôde comprehender um cidadão engenheiro, e da direcção de importante empresa, apenas reservista?

E' que esse illustre e operoso patricio pensava já ter cumprido sufficientemente seu dever militar conquistando a caderneta de reservista. Nunca lhe haviam mostrado o absurdo de, um cidadão como elle, immolar-se á Patria com um simples fuzil nas mãos.

Na propaganda que agora se inicia para a formação intensiva dos quadros de reserva, é um dos aspectos da questão que deve merecer especial attenção.

O officialato de reserva cumpre a todos os cidadãos que sintam capacidade para prestar o serviço militar, que a Nação exige de seus filhos, nos diversos escalões de commando. Para muitos não basta ser reservista soldado — é o seu dever fazer-se official de reserva».

Curso annexo á E. E. M.

«Sómente os que se impõem a tarefa de se preparar para o Concurso de admissão á E. E. M. sabem quanto custa o esforço dessa preparação.

O nosso meio ainda não comporta o commettimento. Os programmas de instrucção dos quadros não satisfazem ás necessidades, não só por visarem objectivos particulares da instrucção das unidades cuja actividade regem, como por não terem regularidade na sua execução.

Dessarte ficam os candidatos entregues a si mesmos, lutando com difficuldades formidaveis, em seu proprio prejuizo e, no fim das contas, em prejuizo do recrutamento de alumnos para a E. E. M.

São inegaveis as vantagens que ha em restabelecer-se completamente o processo normal de recrutamento para a E. E. M. — o concurso. Dahi o interesse inadiavel de facilitar aos candidatos, pelo menos a sua preparação tactica.

Nesse sentido lembravamos, «data venia», a criação de um «Curso Annexo á E. E. M.», estabelecido com o fim de orientar a preparação dos candidatos ao concurso. Esse curso funnccionaria na propria E. E. M., mediante programma especial organizado e ministrado por seus proprios instructores e funccionaria durante os quatro mezes anteriores á epoca do Concurso».

Notas á margem de exercicios tacticos

Primeira serie

(Sobre o sentido tactico do terreno)

pelo Cap. Mario Travassos

I — De que se trata?

Antes que inciemos a longa jornada desta primeira serie de artigos, torna-se necessaria prévia explicação, quer sobre os motivos que a inspiraram quer sobre os objectivos que a mesma tem em vista.

Desde que frisada essa necessidade, muito facil será responder á classica pergunta em face da argumentação que se seguirá, em torno de algumas constatações que fizemos no decorrer de alguns annos de exercicios tacticos. Se não, vejamo-lo.

*

* *

E' grande a confusão reinante nas designações topographicas.

Com effeito, ainda não usamos linguagem uniforme quando discorremos sobre determinado trecho topographico. A unidade de doutrina que temos conseguido, á força de resolver casos concretos, como que, com isso, esbarra em mais um entrave á sua total generalisação.

Se essa falta de homogeneidade nas designações topographicas não produz prejuizos de monta quando usada nos *escalões superiores de commando*, apresenta, entretanto, certa gravidade se se pensa nos *executantes* e, principalmente se se consideram as *pequenas unidades* em que a preparação tactica dos graduados e sargentos é rudimentar demais para supportal-a.

E' indiscutivel a urgencia de estabelecer-se uma sorte de *nomenclatura* dos accidentes e fórmulas topographicas que, por sua correlação com os phenomenos tacticos, possa traduzir *entendimento seguro e definitivo* entre todos — os que dirigem e os que executam — seja qual fôr o escalão de commando considerado.

Em geral, supõe-se que basta conhecer as convenções topographicas e as regras de leitura de cartas para que se possa estimar ou exprimir o valor de determinado trecho de carta.

Nada mais erroneo, tanto como admittir-se que baste conhecer as letras do alphabeto e as regras de phonologia para que se entenda uma pagina que se leia.

Evidentemente, o conhecimento das convenções e das regras de leitura de cartas é *fundamental*, mas não é tudo.

O terreno tem seu facies agricola, suas caracteristicas poeticas, seu valor industrial, como tambem seu *sentido tactico*. Mas, para surprehendel-o em toda sua potencialidade, em cada um desses casos, é necessario que se o veja ou com olhos de agronomo, ou de poeta, ou de industrial, ou de tactico.

Dahi resaltar a conveniencia de admittir-se a leitura de cartas *como um meio* para estimar-se o *sentido tactico do terreno* — para criar-se uma especie de *senso tactico-topographico*, se é possível dizer-se.

Por um lado, é preciso dar-se *elasticidade ás regras de leitura de cartas*. Tudo que se refere á tactica deve ser como a propria tactica, isto é, flexivel, baseado em principios mas eminentemente adaptavel a casos particulares.

Por outro, é indispensavel levar-se sempre em conta a *finalidade tactica* da leitura que se faça — as *qualidades tacticas do terreno* em face da questão vertente. Só assim, poder-se-ha fixar, convenientemente, as *linhas geraes da analyse* a sujeitar-se o terreno em cada caso, bem como as da *synthese* que sua recomposição exige em seguida.

O estudo do terreno, como um dos tres factores da decisão tactica ainda não está sufficientemente delineado.

Devemos convir que dentre esses factores, que são a *missão*, o *inimigo* e o *terreno*, este ultimo cresce de importancia á proporção que se baixa de escalão ou que diminua a distancia a que se está do inimigo, ao ponto de, no limite extremo d'esses dois termos, tornar-se factor predominante.

De modo geral, se para o cmt. de uma D.I. o terreno é factor de *relativa importancia*, para um cmt. de cia. elle é factor *absolutamente imperioso*. E quanto mais cerradas sejam as circumstancias tacticas mais *subirá de valôr* o factor terreno para aquelle chefe, mais se mostrará elle *decisivo* para essoutro.

E' que o terreno representa, em principio, *grande parte* das possibilidades dos meios de que dispomos como das dos meios de que dispõe o inimigo, e em *condições restrictas de tempo e espaço* representa a *maior parte* dessas mesmas possibilidades.

Em resumo, os trechos de terreno a se considerarem, no caso geral que admittimos como no da sua modalidade melhor caracterisada que acabamos de encarar, vão diminuindo *tanto em largura como em profundidade*, quanto mais se desce nos escalões de commando ou mais curtas se vão tornando as distancias que separam os dois partidos.

Assim sendo, da analyse succinta das linhas capitaes do terreno deve-se ser capaz de baixar — *com oportunidade e precisão* — á analyse de seus minimos detalhes.

E já é tempo de pensarmos na codificação, na sythematisação de quanto temos feito n'esse aspecto da nossa preparação tactica, de modo que saibamos, de uma vez por todas, como seriar o estudo do terreno *proporcionadamente* ao escalão em que se commanda ou á distancia a que se está do inimigo.

*

* *

Eis tudo. Os motivos que nos animaram e os objectivos que visamos ahi estão bem patentes. Trata-se — podemos agora dizel-o em poucas palavras — de uma contribuição para:

- a) — regularizar uma serie de *pequenas questões* mas que *interessam vivamente* á efficiencia *pratica* de nossa preparação tactica;
- b) — dar *sentido tactico á leitura de curtas*, tal como o possui o terreno que ellas reproduzem;
- c) — fazer da *aprendisagem e uso da leitura de cartas* uma *ante-sala* e um *complemento do estudo da tactica*.

A successão destas alíneas não implica o trato em separado com cada um dos aspectos que ellas contêm. Cada um dos artigos que se vão seguir será influenciado por todos elles conjunctamente.

De outro modo, não se veja nesta serie de artigos senão um *agrupamento de nôtas*, sem outra intenção que focalisar os assumptos, estabelecendo, se possivel, uma *base da partida* para as pesquisas de camaradas melhor avisados.

Este agrupamento se fará segundo o seguinte plano:

II — *Questões de nomenclatura.*

- 1 — Sobre caminhos e estradas.
- 2 — Sobre reintrancias e depressões
- 3 — Sobre passagens entre elevações
- 4 — Sobre o modelado, propriamente dicto.

III — *Flexibilidade ás regras de leitura de cartas*

- 5 — Sobre medidas na carta
- 6 — Sobre designações de objectivos
- 7 — Sobre levantamento de perfis.

IV — *Resumo de pequenos trechos de carta*

- 8 — Sobre pequenas elevações isoladas.
- 9 — Sobre massiços
- 10 — Sobre trechos de pequena extensão.

V — *Resumo de grandes trechos de carta*

- 11 — Sobre ajustamento, uns aos outros, de pequenos trechos já resumidos
- 12 — Sobre trechos de grande extensão.

Commemorações de 24 de Maio e 11 de Junho

Embora com atrazo, não devemos deixar passar a oportunidade de tecer alguns ligeiros commentarios sobre as solemnidades com que se commemoraram as duas maiores batalhas travadas por nossas forças de terra e mar.

E' sentença por demais sedida que o cultivo das suas tradições gloriosas é dos indícios do sentimento patriótico de um povo e factor educativo da alma das gerações que se vão formando, e nenhuma oportunidade melhor se offerece do que as datas evocativas dos nossos maiores feitos guerreiros, em que a alma e as energias nacionaes deram tudo de si para manter impollutos os brios e a honra do Brasil — estes dois symbolos de existencia de povo livre.

Por isso, quizeramos que fossem mais amplas as manifestações publicas das duas datas lembradas, que não só o meio militar sahisse á rua para render suas homenagens, patentear sua admiração aos brasileiros que lá se bateram mas que a Nação inteira, por todos os seus órgãos representativos e em toda a parte viesse cultuar a memoria de seus heróes em solemnidades que fossem lições de civismo aos moços que agora nascem para a vida publica.

Felizmente as paradas realizadas já constituem um conforto. De um lado, o carinho com que todos os militares cuidam em dar relevo ás solemnidades, levando aos pés das estatuas dos dois heroes synthetisadores das pleiades delles, de 24 de Maio e de 11 de Junho, o que melhor possuem e o que melhor lhes póde representar e traduzir os sentimentos. De outro lado, ha a manifestação do trabalho das unidades que lá compareceram, compenetradas de que para «inspirar confiança e orgulho á Nação é indispensavel cultivar as tradições de brilhante apresentação de perfeita ordem que são os signaes exteriores do seu valor e disciplina».

Desde os fuzileiros navaes com seu uniforme berrante e destacavel, com seus typos de caboclos vigorosos e bem treinados até aos nossos soldados dos corpos de tropas, todos bem impressionaram mas é justo que se destaquem a Escola Militar, a Companhia de Carros de Combate e a Escola de Sargentos de Infantaria, pelo garbo militar, perfeição nos movimentos com que se apresentaram, attrahindo os

applausos da assistencia e correspondendo ás suas situações especiaes de recrutamento e de trabalho.

Na formatura de 24 de Maio as unidades do Exercito apresentaram-se de uniforme de brim kaki, o que contribue para tirar a solemnidade o brilho de que se deve revestir e faz que as unidades não impressionem a massa como é necessario que aconteça toda a vez que as forças armadas appareçam em publico. E tanto essa falta foi notada que já na formatura de 11 de Junho as unidades lá foram com uniformes mais apropriados a impressionarem, a darem na vista.

A Escola de Sargentos com seu uniforme de brim kaki, por exemplo, não causou ao publico a impressão que deveriam provocar as attitudes correctas e os movimentos precisos com que ella se destaca de todas as outras unidades. Todo esse effeito cresceria se ella vestisse uniforme vistoso e marcial, como acontecerá nas proximas formaturas, uma vez que o Sr. Ministro lhe dotou de uniforme apropriado a esse fim.

Reparo a assignalar é a falta de uniformidade nas cadencias das bandas de musica que lá appareceram, e nos commandos e manejos da espada por parte dos officiaes, desuniformidade tão frisante que a todos chocou, mesmo aos mais leigos no assumpto.

Inicialmente não vemos razão por que não seja o nosso regulamento de infantaria adoptada integralmente nas forças da Armada, já que isso será mais comodo aos proprios officiaes de marinha que assim pódem aproveitar da experiencia dos seus camaradas de terra, especialistas no assumpto, já que isso revela ao espirito, de estranho indicio de ordem e disciplina entre nós. Não vemos como justificar as inovações e disparidades verificadas.

Do mesmo modo não se póde deixar de extranhar a falta de observancia por parte de alguns officiaes nossos das prescripções do R.E.C.I. e do regulamento de desfiles cuja interpretação verdadeiramente simples não é razão para a diversidade de procedimento lá notados. Não nos move o espirito de censura, mas sómente o de anotar faltas que são corrigidas já que todos nós queremos sempre attingir a perfeição na nossa ingrata mas gloriosa tarefa.

EDUCAÇÃO

pelo Major Agrícola Bethlem

(professor do C. M.)

O nosso principal objectivo é indicar um plano de ensino secundario que permita constituir a média da mentalidade de nosso povo, de modo a concorrer á formação da «raça brasileira», forte, corajosa e energica, rica de intelligencia, capaz, por seu saber, de aproveitar as riquezas de nosso sólo, os dons que nos concedeu a natureza, enquadrada dentro num regime politico á altura das conquistas effectuadas pelo genio humano amando intensamente a sua Patria, por cuja grandeza e prosperidade trabalha alegremente e para a defeza da qual soube constituir-se.

O plano geral de Educação dum povo, tarefa, creio que não exagero afirmando, fundamental na sua organização, no direito de constituir-se em Nação digna de figurar no quadro das nações livres e *que se governam*, abrange desde o lar até ao regime politico que se concretisa na fórmula de governo e nos meios de exercel-o.

E', além disso, função do tempo e do espaço para empregar linguagem scientifica.

No estrito ponto de vista em que nos collocamos vamos traçar um schema succinto dos assumptos que abordaremos para indicar, ao nosso humilde modo de vêr, como se deve organizar um estabelecimento modelar de ensino secundario:

I — Ideias geraes

II — Curso secundario —

1) Admissão:

- a) conhecimentos exigíveis;
- b) exame da intelligencia;

2) Curso propriamente dicto:

- a) educação physica;
- b) educação intellectual;
- c) educação moral.

IDEAS GERAES

Seria conveniente que abordassemos o estudo da Educação por uma definição precisa que limitasse desde logo o campo de nossa actividade e methodisasse a exposição.

Innumeras são as definições e uma dellas poderiamos perfilhar se não fôra o desejo de afastar toda preocupação academica e encarar a questão sob o ponto de vista utilitario, unico que nos convem.

Assim distinguiremos tres phases no problema da Educação:

- uma inicial, ou ponto de partida;
- outra, final, que encerra o seu objectivo; e
- outra, intermediaria, que opera a ligação e que se pôde dizer constitue propriamente a educação.

A phase inicial representa a *realidade dada*, existente e que constitue o estudo do menino e do homem, feito á luz da Biologia, Physiologia, Psychologia e Sociologia e que nós consideraremos instituida;

a phase final comprehende — o ideal da educação, — assás complexa questão porque se subordina naturalmente ás cogitações do dominio puro da Philosophia;

a phase intermediaria comprehende os meios ou processos para chegar ao fim proposto, isto é, para attingir o ideal, ou, o que diremos com mais acerto, para delle nos approximarmos indefinidamente; e que constitue propriamente a Pedagogia.

Resulta que a educação, ainda que não seja feliz a comparação, é uma ponte entre a realidade e o ideal, é a fonte perenne de progresso, porque por progresso entendemos nós esta tendencia, ou melhor, essa marcha constante do que é para o que deve ser.

Dahi bróta expontaneamente a accepção moderna da palavra educação — conjunto de processos usados por uma sociedade para a realisação de seus ideaes — e onde resalta o seu intimo caracter social.

Todavia, essa translação do real para o ideal não se opera com os ensinamentos da Pedagogia somente, mas auxiliada passo a passo pela Politica.

Embora espiritos haja que não comprehendem essa fraternisação não pôdemos separal-as, porque, dum lado o pedagogo procura guiar seus pispulos até ao supremo ideal accessivel a cada um delles e de outro lado o politico procura conduzir seu povo até o maximo ideal para este e por este mesmo formado.

O criterio que justifica a separação da Pedagogia e da Politica alicerça-se em uma concepção mesquinha duma e doutra.

Se Pedagogia consiste em conservar meninos quietos na aula e ensinar-lhes, de memoria, mecanicamente, um certo numero de disciplinas; se Politica consiste na luta immoral entre partidos para a conquista do Poder, logicamente que só têm a perder em irmanar-se; encaradas, porém, na sua verdadeira e digna accepção não se comprehende separadas, quero dizer emancipadas.

A Educação deve preparar a creança para o seu papel futuro de homem, deve encorajal-a sob o triplice aspecto physico, intellectual e moral, não só em seu interesse proprio, como, sobretudo, no interesse maior da collectividade — Patria e humanidade.

PELA EDUCAÇÃO PHYSICA procede-se «á pesquisa da força pela saúde, porque a saúde é a primeira das forças», impõe-se a obrigação de nunca separar o cerebro do corpo, o moral do physico.

Os phenomenos da vida organica e os phenomenos intellectuaes e moraes não pôdem ser separados de um modo radical, têm caracteres communs, o que é affirmado desde cerca de

quatro seculos antes de nossa era pelo grande philosopho grego, o divino Platão, quando aconselhava a «não exercitar a alma sem o corpo, nem o corpo sem a alma» porque assim se imitava a harmonia do universo.

E' indispensavel que as funcções corporaes se cumpram de maneira a permittir a vida completa do *cerebro* e suas manifestações exteriores, donde o natural interesse da sociedade em conservar e melhorar a *saude* de cada um de seus membros, não só para que cumpram os seus mistêres, mesmo quando põem em «perigo a sua vida» mas tambem e principalmente para que seus successores, seus descendentes «sejam sãos de corpo, como corajosos, sensatos e honestos».

Visto como ninguem trabalha exclusivamente para si (é principio de moral) o homem se educa afim de, aperfeiçoando-se, concorrer decisivamente para o progresso e engrandecimento da Patria, donde resulta, em qualquer systema de educação que attenda a formação do «caracter nacional» (objectivo moral) impôr á mentalidade dos jovens a necessidade de vêr no cuidado da «saude um dos deveres fundamentaes do cidadão».

Não se póde, nem se deve desprezar a personalidade individual, que é constantemente excitada pela necessidade de alimentação e pelas exigencias do meio que dirige a actividade, afim de armal-a dos elementos precisos, não só para supportal-as, como para vencel-as, guiada sempre para o objectivo principal da educação — a formação do caracter nacional — o que dignifica a formação do homem, pois irmana sua actividade em pról da felicidade da Patria.

Independente do exercicio habitual, as nossas faculdades moraes, intellectuaes e physicas, enfraquecem-se gradativamente, animadas nesse enfraquecer de velocidades directamente proporcionaes ao gráo de dignidade relativo dessas faculdades.

Assim, e isto é fóra de duvida, as nossas faculdades physicas são mais resistentes que as intellectuaes e estas que as moraes, de fôrma a poder-se observar que os ultimos caracteres que desaparecem em uma raça decadente são os physicos, enquanto a decadencia começa com a depressão em os sentimentos de moral.

E porque são mais fracas as faculdades moraes, é que devem ser educados com a maxima intensidade, nada descurando, para evitar o seu enfraquecimento, procurando tudo o que possa contribuir para a sua pujança.

Ora, existem relações as mais intimas entre o corpo e o cerebro, entre as funcções do physico e do moral, donde resulta, naturalmente, a imperiosa necessidade de observar fundamentalmente todas as regras que se destinam a conservar e melhorar, quanto possivel, a saude do cidadão, para evitar os seus reflexos fataes sobre o caracter nacional, isto é, *fortalecer convenientemente o physico para exigir do cerebro o maximo de desenvolvimento intellectual e perfeição moral, fim que procura eternamente attingir a humanidade*.

E' bom, todavia, apesar de já se poder concluir, accentuar que não se procura com a educação physica musculosidade, formar athletas no sentido vulgar da palavra, porque o «athle-

ta é um fraco, visto romper o equilibrio da vida a favor dos musculos», mas a harmonia do corpo, para o perfeito funcionamento dos orgãos da vida, para a conquista da saude.

A educação physica, resume-se, pois, em obter «o desenvolvimento harmonioso do corpo, em equilibrio muscular, em saude, belleza, resistencia e força, em vista da hereditariedade, para a melhor adaptação ao meio, no tempo e no espaço» e se obtem com «o conjunto dos meios dynamicos e psychicos que permittem, com o concurso dos agentes physicos, cujo movimento é mais importante, fazer o corpo humano produzir o maximo de *rendimento physico, intellectual e moral com o minimo de fadiga*».

Esse conjunto de processos comprehende:

a) *gymnastica de formação e de constituição*, para o desenvolvimento systematico do corpo, em vista da melhor evolução do homem e da raça.

b) *gymnastica de applicação e adaptação ao meio*, para o homem racionalmente constituido pela gymnastica de formação».

A primeira tem os caracteristicos de uma *sciencia* e se applica sobretudo nas escolas primarias e secundarias, enquanto a segunda, com os caracteristicos de *arte* se destina ao «homem racionalmente constituido pela gymnastica de formação», isto é, aos maiores de 18 annos normalmente.

PELA EDUCAÇÃO INTELLECTUAL procura-se utilizar as faculdades da creança na ordem em que ellas se vão despertando, de fôrma a ir gradualmente desenvolvendo a *memoria*, sem excesso para não cahir no verbalismo, isto é, no falso saber superficial e pretencioso.

E' a memoria base de todo o raciocinio, porque é com o seu auxilio que se accumulam factos e imagens, e constitue um dos problemas mais importantes da educação intellectual e que a psychologia applicada hoje resolve, fixar a natureza de memoria — se auditiva, visual ou motora — de cada um dos estudantes.

Nos internados, esse problema sobreleva em importancia pelo facto de ainda hoje, em *estabelecimentos modelares de ensino*, forcarem-se as creanças a estudar em silencio, preparando assim, inconscientemente, o insuccesso dos educandos que estão confiados a seus cuidados e cuja memoria é auditiva ou motora.

Após a memoria, cuida-se com desvelo da faculdade intellectual que é o espirito de observação e gradativamente as faculdades de analysar, de abstrahir, de combinar até formar o que pódemos chamar sentido logico e que consiste em:

— de proposições dadas como evidentes (postulados fundamentaes da sciencia) concluir as consequencias que ellas comportam;

— apprehender o accôrdo de uma proposição com os factos.

Esta ultima qualidade resulta da aquisição dum senso critico que se accentua com o saber e se revela com a imaginação.

Finalmente, desenvolver o amôr e o conhecimento do bello, o gosto pelas idéas ge-

raes, a necessidade de aprofundar as questões examinando-as sob todos os aspectos, isto é, despertando o gosto pela Cultura Philosophica, que deve ser a obra de coroamento da educação intellectual.

As diferentes disciplinas em que se exercitam as faculdades intellectuales comportam uma seriação e designação que apreciaremos unicamente em relação ao ensino secundario e, mais que a quantidade de saber, visam formar uma intelligencia robusta, isto é, «a capacidade geral dum individuo orientar conscientemente seu pensamento ante situações novas; a capacidade geral de adaptação psychica a novos problemas e considerações de vida».

PELA EDUCAÇÃO MORAL visa-se formar no menino o homem *honesto e de caracter*, no sentido que todos comprehendem, cheio de virtudes domesticas e civicas e transbordantes de amor da Patria.

O objectivo da educação moral, principalmente entre nós, que não temos ainda nitidamente accentuados os caracteristicos da Raça, povo ainda em formação, deve ser o Amor da Patria, pregado nas escolas como fizeram os allemães nas universidades durante perto de um seculo, afim de fixal-o nas almas como na Inglaterra e na França.

E' preciso que os responsaveis pela formação da mentalidade nacional nunca «esque-

çam que cada alumno é um cidadão brasileiro e que em todos os ensinos e em particular no da Geographia e da Historia, é a questão do patriotismo que deve dominar, afim de inspirar ao menino uma admiração quasi sem limites pela grande Nação que deve chamar sua.

Appel, um dos mais illustres sabios da França hodierna, em todos os seus discursos, conferencias e orações, quer se trate da Escola Normal Superior, das relações da America latina, do futuro da aviação, do papel das sciencias, das pesquisas scientificas, da industria chimicas por toda parte achar-se-á o cuidado da grandeza e da prosperidade de sua Patria.

Mas, não posso silenciar quanto á observação que me parece importante de que não é bastante a palavra, o verbo, o conselho, senão e sobretudo o exemplo.

O professor só, sem o concurso do meio social, sem os exemplos de civismo, abnegação e patriotismo que possam fornecer os homens sobre cujos hombros pousam os eixos dessa machina que representa uma nacionalidade, pouco fará ou nada conseguirá.

A obra de educação moral pertence ao lar, á escola, á caserna e ao governo, porque é preciso que o menino veja praticar em torno de si as virtudes que se recommendam, afim de se estabelecer uma corrente de sympathia duravel, de fôrma a se modelarem as almas juvenis pelas almas varonis de seus educadores.

(Continúa)

O bonet unico

«A respeito de uniformes uma medida se impõe — a criação de um bonet unico para cada uma das armas, tal como já se o fez para a Cavallaria.

Em primeiro lugar estaria a conveniencia de evitar-se privilegios para qualquer arma. São tantos os factores que dissociam os nossos quadros que conyinha afastar mesmo os dessa especie. Já chegam as causas de heterogeneidade que existem.

Em segundo lugar estariam as razões de ordem pratica e economica. Os officiaes que usam tres cópas diferentes ou se obrigam a possuir tres bonets, o que lhes sae carissimo, ou se contentam em usar uma só armação e tres capas com prejuizo evidente da apresentação de seus uniformes.

Adoptar-se o bonet unico para cada arma seria uma alteração nos uniformes que todos acceitariam de bom grado, pois, viria limitar, antes que qualquer outra coisa, a despeza que os officiaes das tres outras armas teem com a sua cobertura de uso mais corrente».

Citações e não elogios

«Quando se trate de moralisar as condições de accesso, uma das coisas que terá de fazer desde logo é a proscripção dos elogios.

Todos nós o sabemos bem como se fazem os elogios e o absurdo que elles representam na maioria dos casos. Quasi sempre laudatorios, fundamentados em mais ou menos farta adjectivação, acabam por afferir as virtudes dos elogiados pelo grao, pela intimidade dessa mesma adjectivação.

De outro modo, nós o sabemos tambem, todos elogiam. Basta que alguém disponha de um Boletim Regimental para que possa elogiar, segundo os caprichos da gamna infindavel das mais variadas impressões psychologicas. Dahi um mesmo official elogiado em um escalão de commando e não elogiado ou censurado n'outro ou n'outros.

Não seria muito melhor que apenas se registasse o que os officiaes fizessem, tal e qual, sem commentarios e que só a Commissão de Promoções coubesse interpretar semelhantes situações?»

A benção das espadas

Pelo 1.º Ten. Rinaldo Pereira da Camara

(do 7.º B. C.)

«Estudem o desenvolvimento da criminalidade militar, entre nós e não de verificar, tenho por certo, que a delinquencia adquiriu, nessa esphera, expansão notavel e crescente, desde que se varreu dos quartéis a influencia civilisadora do culto». — *Ruy Barbosa.*

Em severa critica á tradicional cerimonia da benção das espadas, o illustrado Capitão Nilo Val, sem duvida uma das figuras mais representativas do nosso Exercito, accusa-a de inconstitucional e de trazer no bojo a possibilidade de consequencias perturbadoras da disciplina e da ordem. Quando um acto transbordante de superior moralidade como o da criticada benção, apoia-se em uma consagrada tradição tecida de successivas approvações dos verdadeiros responsaveis pela fiel applicação dos principios constitucionaes da Republica, parecidos que, para a discussão de sua legitimidade, deveria existir uma prescripção

Uma vez, porem, que se inicia o debate em torno desta legitimidade, ensaiemos sua demonstração. Dous são os argumentos — clavas em torno dos quaes se desdobra toda a dialectica do distincto articulista: o da inconstitucionalidade do acto e o das ameaças á disciplina que elle envolve.

Analysemos o argumento da inconstitucionalidade.

Eil-o syllogisticamente formulado: a nação não tem religião; como o soldado é um representante da nação, logo o soldado não pode consagrar a sua espada a religião alguma.

Tres concepções estão latentes no espirito do muito digno articulista, determinando o erro do seu raciocinio: suppor a impossibilidade constitucional de manifestações religiosas por parte do Estado; ter como criterio determinante da representação do Estado pelo funcionario militar, o uso por parte deste de suas insignias profissionais; suppor, finalmente, que o militar — na cerimonia da benção das espadas — consagra á Igreja os poderes que o Estado lhe confere para a realisação de suas funções publicas. Examinemos o syllogismo em seus diferentes elementos.

A nação não tem religião.

Esta maxima da moderna politica constitucional exige uma interpretação.

Analyzando as origens e os caracteres moraes da nossa Constituição, Ruy Barbosa assevera-nos que «sua embryogenia é exclusiva e notoriamente americana». Uma regra elementar de hermeneutica manda que consultemos, pois, para boa comprehensão da nossa Carta Poli-

tica, a doutrina dos interpretes e a historia da applicação dos principios constitucionaes norte americanos. Nos Estados Unidos, informam-nos Tocqueville e o genial auctor da nossa Constituição, «a religião é a primeira das instituições politicas e sob esta constituição a vida religiosa tem um amparo mais estavel e uma relação mais declarada com os grandes actos do Estado que noutro qualquer ponto da terra». Lá — continua o maior dos constitucionalistas brasileiros — provam «os seus presidentes e legisladores pelos actos mais insignes, de *character official*, que a separação entre a Igreja e o Estado, tal qual se pratica naquelle paiz não separou a nação do christianismo».

E' que os politicos e juristas norte-americanos pensam com o grande constitucionalista italiano Micelli que «as condições sociaes e os precedentes historicos podem ser taes que induzam os governos a favorecer este ou aquelle culto, visto como o direito não pode desprezar os elementos accumulados pela historia si quizer fundar-se sobre factos e não sobre abstrações». Não se pode, pois, negar ao Estado a faculdade de dispensar uma especial deferencia á religião professada pela gradissima maioria dos seus cidadãos. A liberdade deve fundar-se sempre sobre as condições effectivas do meio e, si estas não são iguaes, não pode ser igual tambem o tratamento por parte do Estado. Neste caso a igualdade deve consistir não naquillo que o Estado deve fazer, mas naquillo que não deve fazer, afim de que as diferentes confissões religiosas possam viver e desenvolver-se de accordo com a sua natureza».

Em que sentido, então deve-se entender o aphorismo — o Estado não tem Religião? Responde-nos Ruy Barbosa, afirmando que, o que a nossa constituição prohibe é «estabelecer distincções legaes entre confissões religiosas, sustentar a instrucção ou o culto á custa de impostos, obrigar a frequencia aos templos ou a assiduidade nos deveres da fé, crear embaraços de qualquer natureza ao exercicio da religião, contrariar de algum modo a liberdade de consciencia, a *expressão das crenças* ou a manifestação da incredulidade nos limites do respeito ás crenças e liberdades alheias». Um eminente constitucionalista norte-americano, o juiz Cooley, doutrina que «nenhum principio de direito constitucional se quebranta quando se fixam dias de acção de graça e de jejum, se nomeam capellães para o Exercito e Marinha, quando se abrem as sessões legislativas orando ou lendo a Biblia, quando se anima o ensino

religioso favorecendo com a imunidade tributária as casas sagradas do culto».

Os nossos estadistas vêm, ultimamente, concretizando esta exegese dos mestres. A impressionante participação do Estado nas homenagens prestadas ao Cardeal Arcoverde, por ocasião do seu jubileu, a recente attitude do Congresso pedindo as benções da Igreja para o palácio onde ia realizar suas funções de órgão vital da nação, são duas provas, entre muitas outras, da sadia intuição que, relativamente a laicidade do Estado, manifestam os nossos governos.

Em uma palavra: dentro do espirito da nossa constituição e sem attentar contra quaesquer liberdades, o Estado pode, representado «pelos seus presidentes e legisladores, pelos actos ensignes, de character official», participar em manifestações religiosas, provocal-as, favorecel-as.

Reflectamos, agora, sobre a exacta significação da segunda premissa do syllogismo: o soldado é um representante da nação.

A relação jurídica existente entre um funcionario e o Estado é dominada, principalmente pelo direito publico. O funcionario é um representante do Estado, que lhe confere um complexo de attribuições de interesse colectivo com os poderes necessários para realis-as. Mas, não terá requisitos e limites esta representação? Qual o criterio para determinar-lhe a extensão? Otto Mayer, — o grande mestre allemão da sciencia administrativa — analysando a ruidosa questão da responsabilidade do Estado pelos actos dos seus funcionarios ensina que fóra do exercicio de suas funções elles são «simples particulares, tanto sob o ponto de vista de sua responsabilidade, como sob qualquer outro ponto de vista».

Assim, somente quando no exercicio de *actos functionaes* é que os funcionarios representam o Estado. Eis o criterio scientifico para determinação da extensão da faculdade representativa do funcionario para oeffeito de acarerar a responsabilidade *tanto civil como politica* do Estado. Outros criterios são insufficientes. Admittir que haverá *representação* sempre que o funcionario trouxer suas insignias profissionais, é consagrar um criterio popular, empyrico e até perigoso.

Contra elle se manifesta implicitamente o legislador militar quando no numero 22 do artigo 421 do R. I. S. G. dispõe: «Constitue uma transgressão da disciplina militar *representar* a corporação em qualquer solennidade sem estar para isto devidamente autorisado». Logo, não é o simples uso de insignias profissionais que torna *representante* do Estado o militar.

Concluindo: a representação do Estado pelo funcionario é limitada, relativa.

Observemos, emfim, em todas as suas faces o pensamento que se contem na conclusão do syllogismo: *o soldado não pode consagrar sua espada á religião alguma*.

Preliminarmente, fixemos o sentido desta consagração. Procuremos através do seu evidente simbolismo a sua verdadeira e precisa significação.

De duas uma: *ou o official se consagra á Igreja no sentido de fazer, em seu proveito, a utilização dos poderes que o Estado lhe conferiu para o desempenho de suas funções de interesse publico, ou não*.

A primeira promessa, seria uma insanía, pois, importaria em affirmar publica e solennemente, perante as maiores autoridades militares, a resolução de cometer um delicto previsto pelo Codigo Penal Militar: abuso de autoridade. Alem de repugnar ao bom senso, tal interpretação oppõe-se flagrantemente á lettra expressa da formula official da consagração, á intuição popular do acto, á experiencia da attitude que vem mantendo na realização de suas funções os militares que, ha annos, fizeram a consagração de suas espadas e, finalmente, aos principios, finalidade e indole da instituição a quem se consagram os mesmos. Oppõe-se á lettra expressa da formula, pois promettendo o militar, perante Deus, consagrar sua espada á defeza «da Patria, do direito, da justiça, da virtude e da Igreja», affirma uma harmonia presentida, desejada e *prometida* entre os interesses da Igreja e os interesses da Patria, entre as exigencias da Igreja e as exigencias da justiça, entre as imposições da Igreja e as imposições do direito, entre os reclamos da Igreja e os reclamos da virtude. Elle sente e *quer* a conjugação completa de todos os ideaes que alimentam seu espirito.

Seria paradoxal, um juramento de fidelidade á Patria que envolvesse uma promessa de delicto contra essa mesma Patria!...

Oppõe-se á intuição popular do acto — segundo a qual elle nada mais é que um consolador indice da vibração idealista de almas moças, patrioticas e crentes. Oppõe-se á experiencia da attitude que vem mantendo, no seio do exercito, os militares que ha annos, se consagraram a Igreja: attitude exemplar de soldados integraes. Oppõe-se emfim, á propria finalidade e indole da Igreja a quem se consagram os officiaes, finalidade toda espiritual, ignorando os sonhos de grandeza temporal e a embriaguez de conquistas terrestres. Ella que na phrase de Guizot (1) — é a maior escola de obediencia que jamais existiu, saberia recusar consagrações que importassem em attentados contra a ordem do Estado. De todos estes argumentos podemos induzir que o militar «não se consagra á Igreja no sentido de utilizar em proveito desta, os poderes que lhe conferiu o Estado para a realização de suas funções. Em que sentido, então promette o militar defender a Igreja?»

No mesmo sentido em que promette a defeza «do direito, da justiça, da virtude»... A Igreja não é um Estado, uma nação com territorio, exercitos, programmas politicos, e finalidade, puramente humana, a realizar.

Ella é uma doutrina, um culto e uma sociedade, mas *puramente espiritual*, organizada em

(1) insuspeito e eminente.

vista de um fim supra-terreno. Quando o militar promete defendê-la, não allude a uma defesa pelas armas. Como a justiça, como a virtude, a Igreja não é atacada a sabre e a fuzil, nem defendida por armas automaticas. A Igreja não quer a espada dos seus filhos na sua significação puramente material de instrumento dilacerador das carnes e aniquilador das vidas. A Igreja não quer a baioneta dos seus centuriões, mas as armas da sua dialectica de apóstolos. Defende-se a Igreja como se defende o direito, a justiça, e a virtude: isto é, com meios adaptados a própria essência da justiça do direito e da virtude. A defesa prometida é complexa: pela palavra escripta, pela palavra falada, pelo exemplo e até pelo sacrificio. Em uma palavra uma defesa da Igreja como entenderam-na os Foch, os Castelnau, os Petain, os Fayolle, os Mangin...



Fixado o exacto sentido da consagração, reflectamos sobre a sua pretensa inconstitucionalidade. De duas uma: ou a inconstitucionalidade reside na *forma* do acto ou na sua *substancia*, na *materia* do compromisso.

Examinemos si a consagração é formalmente inconstitucional. Parece-nos termos demonstrado a constitucionalidade dos actos de religião praticados pelos representantes officiaes do Estado. Vimos que o simples uso de insignias profissionais não torna o *funcionario militar* um *representante* do Estado. Vimos, tambem, que fora do exercicio de suas *funções*, o *funcionario* é um simples particular. Alem disso, Castello Branco na sua obra «Consultor Militar» pagina 266, vol. 2.º, cita um Aviso Ministerial e um parecer dado a uma consulta sobre a maneira de entender a liberdade de expressão de crenças relativamente aos militares, que permitem a estes o uso de suas insignias em todos os actos de culto da religião que professarem. Podemos, de tudo isto, legitimamente indusir que nada ha, de contrario á Constituição, na forma do acto. Residirá, então na sua essência a inconstitucionalidade? Já analysamos o conteúdo do compromisso que o militar assume diante da Igreja e fixamos o seu alcance e significação. Seu conteúdo não setá somente em harmonia com a lei positiva; elle é altamente moral. Não pode o Estado temer que seus defensores sejam homens consagrados a defesa de ideaes sadios e conservadores, de principios que constituem a base de toda ordem e de todo o progresso...

Si o Estado, em respeito á liberdade de consciencia e á liberdade de expressão de crenças, não pode prohibir que um militar, publicamente, professe o atheismo integral, pregue a incredulidade, defenda o divorcio, com que direito, fundado em que razão impediria a affirmação de ideaes conservadores e sadios? Se profissões publicas de fé em theses que a experiencia demonstra perniciosos á estabilidade do Estado, á pureza dos costumes publicos, não podem ser prohibidas, que diremos então da legitimidade de profissões de fé em verdades que alimentam a ordem publica e a felicidade dos homens?



Passemos, agora, á analyse da segunda objecção formulada pelo illustrado auctor da «Organisação e tactica da cavallaria», das guerras do Prata» e das «Notas sobre jogo da guerra».

«Dado o caso de um attricto — interroga o distincto articulista — pouco provavel mas possivel, entre a Igreja e o Estado, como agiria o militar que a ambos se prendeu, ao segundo por um compromisso formal e positivo e á primeira por um juramento sagrado?»

Preliminarmente, negamos seja a benção a *criadora* do juramento donde teme o Snr. Capitão possam advir consequencias perturbadoras da disciplina. A benção das espadas é, em ultima analyse, a affirmação publica e solemne das disposições moraes de jovens militares.

Estas disposições constituíram a *causa* da cerimonia. De facto, não fossem catholicos os militares e não haveria a benção. Estas disposições moraes são *anteriores* á benção. E' a qualidade de catholico no militar, que cria as possibilidades dos temidos attrictos. As intenções affirmadas publica e lealmente pelos militares no momento da benção eram anteriormente a ella, uma realidade moral. Logo, a benção não *cria* o juramento, ou melhor, o estado moral donde podem derivar os temidos attrictos.

Para a sua defesa este argumento bastaria. Este estado moral, esta attitude do soldado diante da Igreja *anterior* á benção, é uma attitude *legitima*. Decorre do fundamental direito de liberdade de consciencia.

O catholico que vê na Igreja a mestra inspirada, portadora da solução do problema gravissimo da finalidade humana, a ella se consagra, ouve-a attento, abandona-se ás suas santificadoras influencias. Vestindo a farda leva no espirito a mesma visão catholica da vida. Não apostata ao jurar bandeira. Como a distincção entre soldado e cidadão é toda convencional, pois, não ha uma vontade do soldado e outra vontade do cidadão, uma intelligencia do soldado e outra intelligencia do cidadão, procura o catholico que veste a farda a formula da conciliação dos interesses da patria com as exigencias do seu credo. Esta formula, facilmente a encontra, pois, como observa Augusto Comte e a historia e os factos demonstram, o christianismo dá ao sentimento nacional, patriotico, seu verdadeiro valor e medida. Mas, esta harmonia entre as exigencias do Estado e as imposições moraes da Igreja podem vir a soffrer crises. Estes attrictos, inevitaveis na sociedade humana, tendo em vista a finalidade e indole da Igreja, reduzem-se a um coeeficiente minimo. Mas, mesmo estes rarissimos attrictos podem receber soluções...

Que sabia attitude, que christianissima prudencia uzaram, ha mezes, por occasião das investidas de Herriot contra a Igreja, os catholicos, heroicos e sabios, Foch, Gouraud, Petain, Castelnau, Fayolle e tantos outros! E, na eventualidade de um conflicto insolúvel, o criterio de acção do militar catholico seria o apontado pela divina sabedoria de N. S. Jesus Christo: Dae a Cesar o que é de Cesar e á Deus o que é de Deus. Esta maxima inspirou o pro-

ceder de bravos capitães romanos convertidos ao christianismo que, diante das exigencias tyrannicas dos Neros e dos Dioclecianos, souberam ser christãos sem deixar de ser soldados: foram martyres.

Tranquillise-se pois, o illustrado e muidigno Snr. Capitão Nilo Val. Não perturbarão a ordem do Estado estes de quem disse o fundador do positivismo: «*Os catholicos representam na anarchia actual das doutrinas e dos costumes, as principaes garantias, quer moraes quer politicas da ordem humana*». Não attentará contra a ordem e o progresso da nossa Patria esta Igreja de quem affirmou, em discurso official pronunciado em 1924, o nosso chancellor: «*Não seriamos nada sem este poderoso instrumento de ligação espirital, factor maximo da unidade estupenda da nossa Patria*».

Resumindo: a benção das espadas é um acto inteiramente constitucional e em nada contribue para crear no soldado um estado moral fecundo em consequencias perturbadoras da disciplina. Condicionar as manifestações da consciencia religiosa do militar, impondo-lhe limites e impertinentes requisitos, é que seria attentar contra liberdades asseguradas pela Cnstituição. Não só em nome da justiça, mas até inspirado por motivos de pura politica utilitaria deve o Estado apoiar manifestações moraes como a benção das espadas. A Igreja sem a qual, na phrase official, *nada seria o Brasil*, como o deus mythologico, jámais devorará seus proprios filhos.

Junho, de 1926.

A falta de espaço

Apezar de que tenha vindo á luz ha pouco mais de uma quinzena um numero duplo de nossa Revista, a affluencia de collaboração foi tal que nos obrigou a deixar para o numero de Agosto os seguintes trabalhos:

Nova lei de Promoções — («Suggestões»).

Localisação pelo Som — 1º Ten. Lima Camara.

Mecanica de Reparos — Cap. Carlos de Abreu.

Pontaria á luneta — Major Caiuby.

O serviço de remonta á luz das necessidades da Defesa Nacional — Major A. Ferreira e Ten. W. Pimentel.

«Plotagem» na Fortaleza de S. Cruz — Cap. Ary da Silveira.

Reflexões e verdades a respeito do sorteio — Cmt. Torres Guimarães.

Conferencia sobre o Sorteio Militar — 1º Ten. Floriano Peixoto Torres Homem.

Themas tacticos de Infantaria — Cap. Demerval Peixoto.

O Fusil metralhador mod. 1924 — Cap. João Pereira.

Sobre Barragem — Cap. Verissimo.

Sobre o Regulamento de Artilharia («Suggestões»).

A disciplina — Tte. Alcindo Pereira.

Observações sobre a organização da Infantaria — Cap. Cidade.

Carta aberta aos directores do «Diario do Brasil» — Cap. I. B. Magalhães.

Emprego da engenharia na organização do terreno em ligação com a Infantaria — Trad. do 1.º Ten. Octavio Paranho.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos:

Revista Militar — La Paz — Bolivia — Maio (N.º 53).

Rev. del Ejercito y de la Marina (Mexico) — Abril (N.º 4).

Memorial del Ejercito de Chile — Mayo.

Memorial del E. M. del Ejercito de Columbia — Janeiro e Fevereiro.

Rev. del Circulo Militar del Perú — Maio.

Rev. de Cavallaria — Maio - Junho.

Rev. de Hygiene e Cirurgia — Maio.

Nota — Na *Papelaria Macedo* (Quitanda 74) encontram-se á venda:

A Defesa Nacional exemplar 1\$500

Guia do Cmt. do Grupo de Combate (Ten. Cel. Paes de Andrade e Ten. Pavel) 5\$000

Collocação da Bateria em vigilancia (Ten. Fonseca de Araujo) 5\$000

Artilharia — Exercícios na Carta (Major Silio Portella) 6\$000

Que a artilharia deve saber da Infantaria? (Cap. Mario Travassos) ... 5\$000

Notas de estudo sobre os Novos Regulamentos (Cap. Mario Travassos) . 5\$000

Instrucção do Soldado (Cap. Dermeval)

Fasc. I — A Educação Moral do Soldado.

« II — A Instrucção Geral.

« III — A Instrucção disciplinar e de Serviços.

« IV — A Instrucção Physica e treinamento de marcha.

Preço de cada fasciculo 1\$000

Os quatro fasciculos reunidos 3\$000

Os pedidos de fóra, para qualquer d'essas obras, devem ser acompanhados de um sello de 500 rs. para a remessa.

Em consequência: Distribuição e escalonamento dos meios, isto é, dispositivo a realizar conforme a missão recebida, e de acordo com as possibilidades do inimigo e o terreno.

Lembrar-se sempre que é com o grosso que o chefe exerce sua vontade.

Assim feito o raciocínio, tem o official de tomar sua *decisão*, que decorre da sua concepção da manobra. Ella é transmittida aos subordinados em forma de ordens, para as quaes aconselhamos os mementos dos Regulamentos, procurando adaptal-os ao caso e servindo-se delles sómente como um guia de memoria.

A ordem deve ser clara, concisa e precisa, sem litteratura, com calligraphia clara e intelligivel.

Quem dá a ordem deve sempre lê-la e vêr se pôde ter outra interpretação e se não tem nada que contrarie o espirito dos regulamentos.

Nota — Todas as soluções serão devolvidas devidamente annotadas aos seus autores, desde que nos remetam sellos para o registro de volta.

**

O NOVO THEMA

Folha de *S. Carlos do Pinhal*
1/100.000 (Veja-se o n.º 146 da
«Defesa»).

Situação Geral

Forças *vermelhas* de um partido do Sul, depois de uma serie de operações felizes levadas a effeito contra forças *azues* de um partido do Norte, conseguiram repellar estas ultimas para a linha de alturas que bordam pelo Norte o *Ramal Rib. Bonito*.

O resultado importante alcançado por taes operações foi tirar aos *azues* a circulação no citado ramal, ao mesmo tempo que desafogou o trafego da estrada de ferro *Bentas* — est. *Campo Alegre* (a ser utilizada pelos *vermelhos* depois dos necessarios trabalhos), com o ganho de terreno para o Norte.

E', então, chegado momento opportuno para uma parada nas operações offensivas dos *vermelhos*, o que já vinha sendo reclamado pela necessidade de restabelecer as communicações pelos *azues*, completar effectivos e reunir meios materiaes mais importantes, á vista de operações futuras.

Assim, as forças do Sul (que nos interessam) se installam defensivamente nas elevações que dominam pelo Sul o *Ramal Rib. Bonito*:

— O escalão de vigilancia, acompanhando mais ou menos a linha ferrea.

— O escalão de resistencia, passando por faz *S. Candida* — *Ant.º Carlos* (flanco oriental do dispositivo *vermelho*) — alturas que se extendem para Oeste, na direcção de faz. *Agua Branca* — garupa 1 Km. E. de faz. *S. Izabel do Bom Fim*.

Os *azues* parecem ter-se fixado solidamente na linha geral: faz. da *Serra* (flanco oriental do dispositivo azul) — faz. *Velha do Salto* — faz. *José Marianno* — e mais para Oeste.

Estas forças do partido Norte têm aproveitado habilmente a superioridade em effectivos de cavallaria: nos combates até então desenrolados, os *vermelhos* soffreram effeitos de muitas intervenções inesperadas.

Ultimas informações prestadas por agentes, dizem que, em *S. Carlos do Pinhal*, movimentos suspeitos durante á noite parecem indicar reuniões de diversos elementos de forças

a cavallo. Particularmente na noite de 14/15 de Agosto, estes movimentos mais se accentuam, sahindo as tropas *azues* pelo lado Sul da cidade.

A linha de etapas

A linha de etapas das forças *vermelhas* é guardada por tropas de 2.ª linha. Particularmente est. *Campo Alegre* serve de guarnição a um batalhão dessas tropas, encarregado da guarda da estrada de ferro, dos serviços de desembarque, etc.

Situação particular

Em vista do perigo que se pode apresentar no flanco direito das tropas *vermelhas* estabelecidas ao Sul do rio *Monjolinho*, é tomada a seguinte decisão para melhor assentar a defesa desse flanco:

Uma D. I. de reforço que está chegando na zona est. *Guarany* — est. *Campo Alegre*, e que no dia 14 de agosto desembarcou o seu 1.º R. I. nesta ultima estação, recebeu ordem para, no dia 15, enviar o mais cedo possível o mencionado R. I. para a zona de col. *Floresta*, passando ahi ás ordens do Cmt. do Sector de Leste.

De accordo com esta ordem, na manhã de 15 o R. I. marcha pela estrada que, sahindo a N. O. de est. *Campo Alegre*, se dirige para o Sul da faz. *S. Evangelina*, passa por faz. *Cel. Novaes* e faz. *Paineiras*. Hora de partida do primeiro elemento da vanguarda do R. I.: 6 horas.

Pouco antes de 6 h. 50', o Cmt. do Regimento (que marcha no seu logar na columna) é alcançado por um motocyclista que partio de est. *Campo Alegre*, sendo-lhe entregue a seguinte informação assignada pelo Cmt. do Destacamento de estação:

Dest. de Est. <i>Campo Alegre</i> N.º 67	Est. <i>Campo Alegre</i> 15 (quinze) de agosto de 1926, ás 6 h. 40'
--	---

Sr. Cel. Cmt. do 1.º R. I.

«Informações telephonicas que acabam de chegar aqui, dizem que forças *azues* de cavallaria, no valor de 3 a 4 esquadões, foram vistas hoje, ás 5 h. 30' a sahir de est. *Colonia*, na direcção de Suéste».

(assig.) Ten. Cel. F.

Pede-se:

1º — Uma ampliação, na escala de 1/50.000, do trecho de carta comprehendido no perimetro: est. *Campo Alegre* — faz. *Mundo Novo* — faz. *Paireira* — faz. *Bôa Vista* — est. *Campo Alegre*.

2º — Representar, nesta ampliação, a situação dos diferentes escalões da columna, quando o Cmt. do R. I. recebe a informação vinda de est. *Campo Alegre*.

3º — Decisão do Cel. Cmt. do R. I., em face desta informação.

Nota — Com as chuvas dos ultimos dias os rios estão cheios, permittindo a transposição immediata somente nos logares indicados na carta, salvo nos cursos superiores onde o volume d'aguas é pouco. Particularmente, o rib. do *Feijão* (rio que passa por faz. *S. Francisco* — faz. *Paineira* — faz. *S. Anna* e desagua no r. *Monjolinho* na região de faz. *S. José*) só é transponivel nas pontes, em toda a extensão figurada na carta.

RADIO-TELEGRAPHIA

Emprego das lampadas de tres electrodos

Pelo Major Amaro Bittencourt

(Continuação)

A applicação do methodo vectorial para composição das senosoides

$$i_1 = I_1 \sin \frac{2\pi}{T_1} t \quad \text{e} \quad i_2 = I_2 \sin \left(\frac{2\pi}{T_2} t - \varphi \right)$$

nos permittirá um novo meio de analyse.

As amplitudes das senosoides i_1 e i_2 serão representadas em grandeza e direcção pelos vectores $OB = I_1$ e $BR = I_2$

Essas amplitudes correspondem aos valores maximos das intensidades das 2 (duas) oscillações.

Em um instante dado o valor do do vector resultante é OR.

Esse vector faz com o vector OB um angulo de phase P variavel. Para observar a variação de P , vamos suppor que se tenha imprimido ao systema um movimento de rotação em torno do ponto

Em resumo: podemos suppor OB fixo e BR girando em torno de B com velocidade $\frac{2\pi}{\theta}$. O ponto R descreverá um circulo de raio BR e o vector resultante OR, terá um valor e direcção dependendo somente da direcção de BR, ou do angulo φ .

Considerando as diversas posições que o ponto R póde occupar, vemos que o vector resultante variará entre os limites $OR'' = OB + BR'' = I_1 + I_2$ (soma dos vectores componentes) e $OR' = OB - BR' = I_1 - I_2$ (differença dos vectores).

Para o 1º valor limite $\varphi = 0$ e $P = 0$, as senosoides componentes e resultante estão em phase.

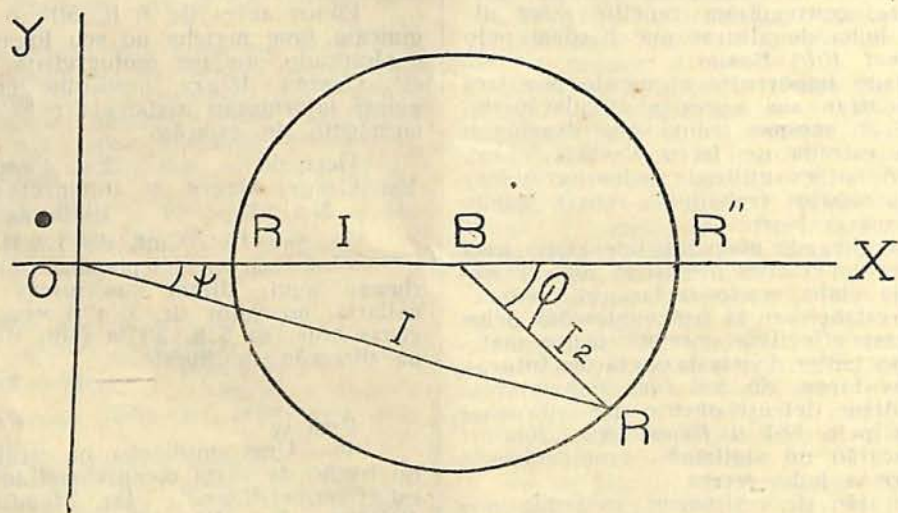


Fig. 5

O, em sentido contrario ao da rotação dos vectores e com uma velocidade uniforme e igual a $\omega_1 = \frac{2\pi}{T_1}$. O movimento relativo de OB será nullo porque sua velocidade é nulla; o de BR será em sentido contrario ao primitivo e com a velocidade

$$\begin{aligned} \frac{2\pi}{T_2} - \frac{2\pi}{T_1} &= 2\pi \left(\frac{1}{T_2} - \frac{1}{T_1} \right) = \\ &= 2\pi \left(-\frac{1}{\theta} \right) = -\frac{2\pi}{\theta} \end{aligned}$$

Para o 2º, $\varphi = 180^\circ$ e $P = 0$; as senosoides componentes estão em discordancia e a resultante em phase com i_1 .

O valor de P vae de zero até um maximo dado pelo angulo formado por OB com uma das tangentes ao circulo tirada do ponto O.

Os valores do vector resultante OR se reproduzirão, com o mesmo signal depois de uma revolução completa, e o tempo

gasto por essa revolução (período do movimento) será

$$\frac{\text{espaço}}{\text{velocidade}} = \frac{2\pi}{\theta} = \theta$$

Então θ será o período correspondente às variações de OR.

O triângulo OBR fornece

$$OR = \sqrt{OB^2 + BR^2 - 2OB \cdot BR \cos OBR} \text{ ou}$$

$$I = \pm \sqrt{I_1^2 + I_2^2 - 2 I_1 I_2 \cos \varphi},$$

valor já achado e estudado.

Intensidade media

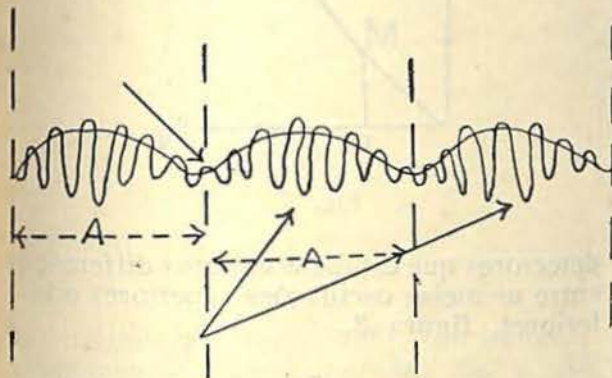


Fig. 6

Grupos de oscilações retificadas

Si as amplitudes das componentes, I_1 e I_2 fossem iguaes teriamos:

$$I = \sqrt{I_1^2 + I_1^2 + 2 I_1^2 \cos \varphi} = \sqrt{2 I_1^2 (1 + \cos \varphi)}$$

Para $t=0$, $\cos \varphi = 1$ e $I = \pm 2 I_1$

— para $t = \frac{\theta}{2}$, $\cos \varphi = -1$ e $I = 0$

Para $t=\theta$, $\cos \varphi = 1$, $I = \pm 2 I_1$ etc.

Em resumo: As oscilações produzidas no heterodyne, superpõem-se às captadas na antenna dando logar a grupos de oscilações resultantes, representadas pela figura 4 e cuja intensidade maxima, periodicamente variavel no tempo θ , é representada pela curva da figura 4 (curva da amplitude).

A frequencia desses grupos de oscilações será de $f = \frac{1}{\theta} = \frac{1}{T_1} - \frac{1}{T_2} = f_1 - f_2$ diferenças das frequencias das oscilações componentes.

Podemos manter a frequencia do heterodyne pouco maior ou menor que a frequencia das oscilações recebidas na antenna, de modo a obter grupos de os-

cillações resultantes de frequencia audível.

Esses grupos retificados pelo detector fornecem uma corrente de intensidade media variavel, com seus valores maximo e minimo em correspondencia com os valores maximo e minimo dos grupos de oscilações — fig. 6.

Como as variações de corrente media são de frequencia igual aos dos grupos de oscilações (audível), a placa telephonica vibrará sob a acção dessa corrente.

O som produzido pela placa telephonica será agudo quando a frequencia dos grupos de oscilações for pouco inferior a 3.000 (limite das frequencias audíveis). Nesse caso $f_1 = f_2 < 3000$ ou $f_2 - f_1 < 3000$. Si baixarmos progressivamente a frequencia dos grupos de oscilações, o som se tornará cada vez mais grave até desaparecer quando

$$f_1 = f_2 \text{ ou } f_1 - f_2 = 0$$

VANTAGENS DAS ONDAS CONTINUAS SOBRE AS AMORTECIDAS.

Um dos inconvenientes no emprego de ondas amortecidas, pela radiotelegraphia, reside na difficuldade de eliminar as emissões estranhas e que perturbam seriamente a recepção dos signaes uteis. As ondas continuas, permitem attenuar esse inconveniente, realizando syntonias mais agudas, o que torna possível a emissão simultanea de varios postes, com pequeno afastamento nos comprimentos de ondas e recepção, sem perturbação, nos postos de correspondencia.

Com effeito: Para que um som se produza no telephone é preciso ter

$$f_1 = f_2 < 3000$$

$$\text{porem } f_1 = \frac{v}{\lambda_1} \text{ e } f_2 = \frac{v}{\lambda_2} \text{ logo } \frac{v}{\lambda_1} - \frac{v}{\lambda_2} < 3000$$

$$\text{ou } \frac{v(\lambda_2 - \lambda_1)}{\lambda_1 \lambda_2} \text{ ou } \lambda_2 - \lambda_1 < \frac{3000}{v} \lambda_1 \lambda_2$$

Como λ_1, λ_2 tem valores approximados façamos $\lambda_1 \lambda_2 = \lambda_2^2$ ou $\lambda_2 - \lambda_1 < \frac{3000}{v} \lambda_2^2$

Ora $v = 300.000 \text{ kil} = 300.000.000 \text{ mts}$ por seg, logo $\lambda_2 - \lambda_1 < \frac{3000}{300.000 \times 10^5} \lambda_2^2$

$$\text{ou } \lambda_2 - \lambda_1 < \frac{1}{10^5} \lambda_2^2$$

Considerando λ_1 e f_1 o comprimento de onda e frequencia do heterodyne, vemos que quanto menor λ_1 , menor deverá ser $\lambda_2 - \lambda_1$ (diferença entre onda in-

cidente e do heterodyne), para que $f_1 - f_2$ se conserve dentro do limite previsto.

Assim, para uma onda incidente de $\lambda_2 = 1.000$ metros vem

$$\lambda_2 - \lambda_1 < \frac{1}{10^5} \times 1000^2 < 10 \text{ mts; para } \lambda_2 = 750 \text{ mts, } \lambda_2 - \lambda_1 < 5,6^m; \text{ para } \lambda_2 = 500 \text{ mts } \lambda_2 - \lambda_1 < 2,5^m$$

Quer isto dizer, que os comprimentos de ondas do heterodyne só se poderão afastar de λ_2 de quantidades menores que as encontradas nos 3 casos acima e isto, para que $f_1 - f_2$ seja menor que 3000 e haja som no telephone. Assim, quando $\lambda_2 = 1000$, a onda λ_1 poderá variar abaixo de 1000, até proximo de 990 metros e acima de 1000, até proximo de 1010 metros. E' logico que se 2 ondas, $\lambda_2 = 1000$ e $\lambda_3 = 1.006$ metros, incidissem sobre a antenna de recepção, bastaria regular o heterodyne para $f_1 = 904$, para que só fosse possível a recepção da onda λ_2 e isto porque $f_1 - f_3$ seria maior que 3000.

Sob o ponto de vista do rendimento na recepção, existem ainda duas grandes vantagens:

1.^a Maior sensibilidade na recepção por heterodyne que na recepção ordinaria, accrescimo de sensibilidade que vem em proveito do alcance, para a mesma potencia de emissão. E' isso devido:

a) ás vibrações da placa telephonica que pódem ser levadas á intensidade maxima, fazendo a coincidência entre o periodo proprio da placa e o das oscillações resultantes que actuam sobre a placa; isso é sempre possível agindo sobre o heterodyne, até que estabelecido o synchronismo, se obtenha um som maximo no telephone.

b) ao augmento no rendimento do detector.

Para verificarmos essa asserção (augmento de rendimento do detector), vamos estabelecer o valor da corrente media detectada, no caso das oscillações amortecidas e comparal-o com o da corrente media obtida na recepção com heterodyne.

Os detectores utilizados na recepção de oscillações amortecidas têm como efeito, supprimir uma das meias oscillações recebidas ou estabelecer uma diferença entre as amplitudes das meias oscillações superiores e inferiores.

Si traçarmos as curvas características dos detectores, referidas a um systema de eixos, em que sobre o dos x são marcados os potenciaes das oscillações incidentes e sobre o dos y , as amplitudes dessas oscillações, teremos: Para o caso dos detectores, que supprimem uma das meias oscillações, fig. 7; para o caso dos

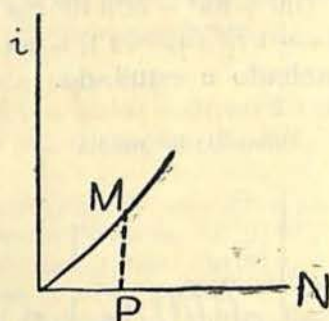


Fig. 7

detectores que estabelecem uma diferença entre as meias oscillações superiores e inferiores, figura 8.

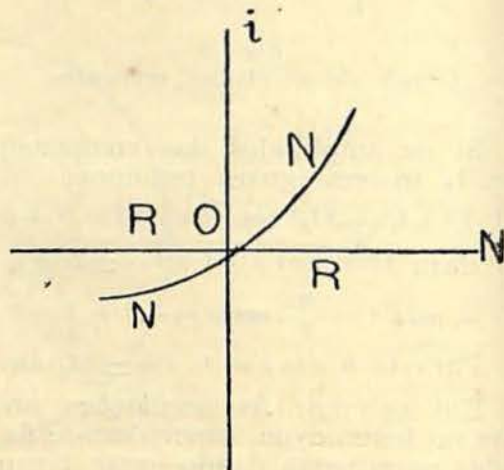


Fig. 8

Nos dois casos acima, podemos assimilar as porções de curva OM, ON e ON, correspondentes a pequenas variações do potencial v , a ramos de parabolhas, que terão para representação a equação generica $i = ft v^2$ ou melhor; para pequenas variações de potencial das oscillações incidentes, a amplitude da corrente detectada é proporcional ao quadrado desse potencial.

Os trens de ondas amortecidas, ao atingirem o aparelho de recepção, sof-

terão detecção total ou parcial de uma das suas meias oscillações dando, como resultado, oscillações de amplitudes proporcionaes aos quadrados das variações do potencial, porque $i = ft(v^2)$. Assim nas figuras 9 e 10 as curvas I, das corren-

Estabelecido esse principio voltemos ao caso do heterodyne e chamemos v_1 e v_2 respectivamente, as amplitudes maxima dos potenciaes das oscillações do heterodyne e as captadas na antenna; a amplitude resultante será dada pela

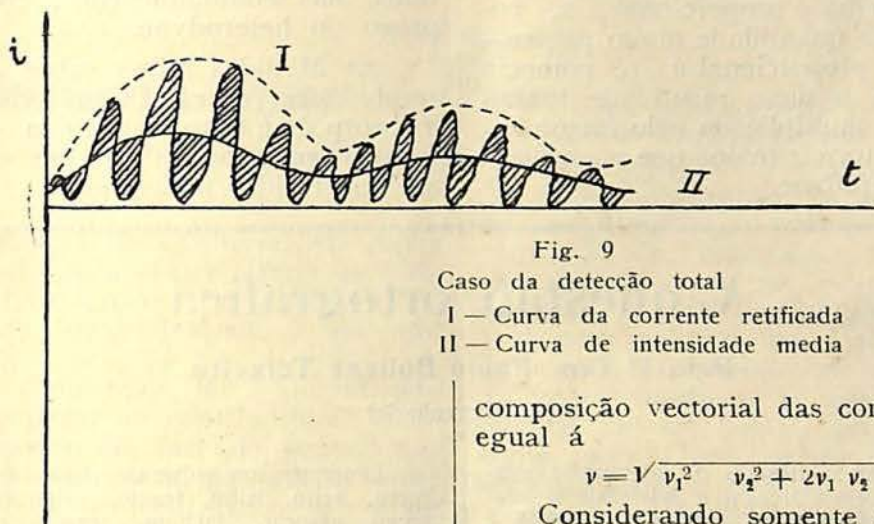


Fig. 9

Caso da detecção total

I — Curva da corrente retificada

II — Curva de intensidade media

tes retificadas, terão suas ordenadas i proporcionaes aos quadrados de v . As curvas II, das intensidades medias, obtidas pela separação das areas alternadas

composição vectorial das componentes, e igual á

$$v = \sqrt{v_1^2 + v_2^2 + 2v_1 v_2 \cos \varphi}$$

Considerando somente a incidencia das oscillações de potencial v_2 , a corrente media detectada será proporcional á v_2^2 , em vista do principio acima. A introdução do heterodyne dará logar a uma corrente media detectada, proporcional ao quadrado da amplitude do potencial da oscillação resultante, conforme o mesmo principio, logo a v^2 ; mas,

$$v^2 = v_1^2 + v_2^2 + 2v_1 v_2 \cos \varphi = v_1^2 + v_2^2 + 2v_1 v_2 \times \cos 2\pi \left(\frac{1}{T_1} - \frac{1}{T_2} \right) t; \text{ portanto proporcional á } v_1^2 + v_2^2 + 2v_1 v_2 \cos 2\pi (f_1 - f_2) t$$

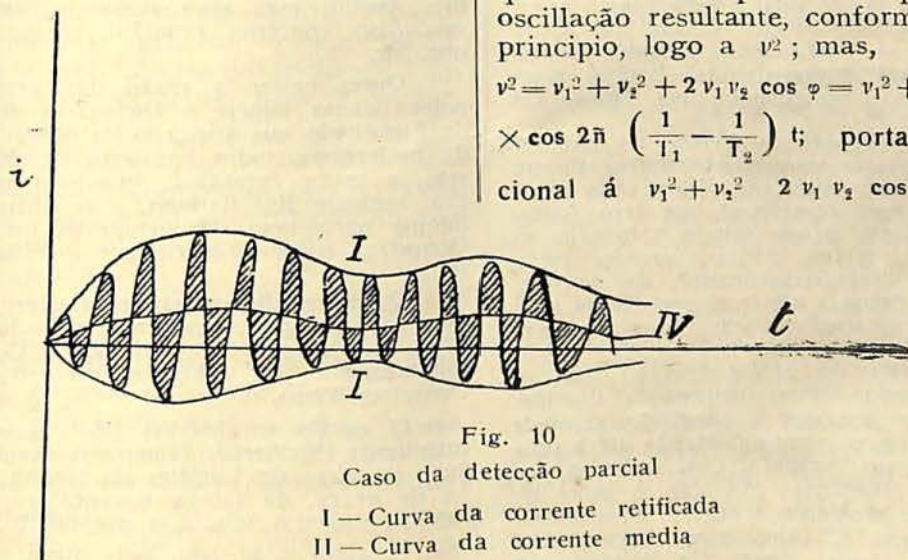


Fig. 10

Caso da detecção parcial

I — Curva da corrente retificada

II — Curva da corrente media

eguaes, terão suas ordenadas proporcionaes as amplitudes das curvas I; logo, proporcionaes aos quadrados de v .

Em resumo, para cada oscillação, a intensidade media detectada é proporcional ao quadrado da amplitude de força electro-motriz.

Os dois primeiros termos são constantes, e correspondem á valores constantes da corrente media, por consequencia, sem acção sobre a placa telephonica.

Essa corrente constante junta sua acção á força magnetica do imam do phone de recepção.

O terceiro termo $2 v_1 v_2 \cos 2\pi (f_1 - f_2)$ corresponde á corrente media variavel, de frequencia $f_1 - f_2 = \frac{1}{\theta}$, unica que tem accção sobre a placa, fazendo-a vibrar. Emquanto que na detecção sem heterodyne, a corrente media é proporcional á 2.^a potencia de uma quantidade muito pequena (v_2^2), aqui é proporcional á 1.^a potencia v_2 , portanto, a uma quantidade maior, e vem ainda, multiplicada pelo factor $2v_1$, que se póde tornar maior que v_2^2 , agindo sobre a heterodyne.

Esta amplificação da corrente media que age sobre o phone, traz um consideravel augmento na sensibilidade da recepção.

D'ahi os alcances consideraveis obtidos, nas communicações, com o emprego do heterodyne.

2.^a Medidas feitas sobre a corrente recebida na antena, têm mostrado que a absorpção na propagação das oscillações é maior para ondas continuas que para as amortecidas.

A questão ortografica

Pelo 1º Ten. Paulo Bolivar Teixeira

(da Engenharia)

E' animador o triunfo da ortografia simplificada, official em Portugal e aplaudida e adoptada no Brasil pelos que estudam a lingua á luz da sciência. Grande, é certo, é o numero dos que, rotineiros, ainda se apegam ás canhestras formas obsoletas.

Simplificar a ortografia, desprezando inuteis grupos consonantais e vogais esurias como *ph, th, rh, y, ch=q, k* e *w* por seus valores reais e simples *f, t, r, i, q* ou *c, v* ou *u*, não é pôr de lado a decantada etimologia.

Etimologia, no sentido técnico, não é levar o vocábulo á fonte latina, saltando, desprezando as formas intermediárias. Isso é alatinizar a palavra ressuscitando uma lingua em desuso.

E' preciso preparar o terreno no Exército porque a ortografia simplificada, talvez dentro de três anos, será official no Brasil. Ela ainda não venceu porque cometemos um erro fundamental: entregámos o seu estudo a homens de letras, literatos, meros artistas, quando deviamos fazê-lo a linguistas, homens de sciência. Ora, a nossa Academia não está aparelhada para a questão, porque em seu seio há uma percentagem esmagadora de literatos.

Vamos tentar um rápido esboço sobre o assunto, estudando alguns pontos da questão. Temem os rotineiros que a simplificação abale os alicerces da lingua, impossibilitando até a procura da origem do vocábulo. Ora, todos sabem, pela Gramática Histórica, que não é pelas letras, mas pelos sons que se chega ao conhecimento das origens. E' falso, pois, o argumento.

O grande Pascal disse: Os homens são quase sempre levados a crer, não pela prova, mas pelo agrado.

Fica assim justificado o agrado ás formas ditas usuas.

O golpe mortal na ortografia chamada usual, é por certo a incoerência. Assim vemos: *signal* e *sinete*, *caderno* e *quatorze*, *enxuto* e *fructo*, *vacca* e *vaqueiro*, *sete* (*septe*) e *escripta* e milhares de outros pares desacordes e mancos.

Lancemos um golpe de vista sobre: *accordo*, *chucro*, *geito*, *tribu*, *fructo*, *sulphurico*, *socego*, *pecego*, *assucar*, *fachina*, *serralheiro*, *hontem*, *hombro*, *humido*, *aza*, *ancia*, *concerto* (*remendar*) *magestade*, *xarque*, etc. Qualquer moderno dicionário (mesmo não fonético como dizem por aí) nos mostra que a grafia correcta destes termos é: *acôrdo*, *xucro*, *jeito*, *tribo*, *fruto*, *sulfúrico*, *sossêgo*, *pêssego* *açucar*, *faxina*, *cerralheiro* (pois *cerrar*, *fechar* é com *c*) *ontem*, *ombro*, *úmido*, *asa*, *ansia*, *consêrto* (*concertar* é *concordar*, *concêrto*, *reunião*), *majestade*, *charque*, etc.

Quem quiser a razão das grafias reputadas lidimas folheie o *Dicionario de Candido de Figueiredo* que é escrito na ortografia usual, de preferência, todos os livros de *Mario Barreto*, a maior autoridade brasileira em linguística, segundo *Rui Barbosa*, e o *Alcorão da filologia portuguesa* «*A ortografia nacional*» de *Gonçalves*, a maior autoridade mundial na matéria.

Quem se não quiser aprofundar, mas praticar na ortografia simplificada, consulte o *Pronunciário de Ortografia* de *Antônio da Costa Leão*, conjuntamente com o *Vocabulário ortográfico* de *Gonçalves Viana*.

O cavallo de batalha dos da ortografia complicada (*Nictheroy*, vejam que exemplo! uma índia da terra de *Euclides da Cunha*, com traços de grêga, da cabeça aos pés) o cavallo de batalha, disiamos nós, é a acentuação.

Preguiça e só isto, pois quem desperdiça tinta em pôde, pode fazê-lo em pôde.

E, como diz *Mário Barreto*, para distinguir dois cães basta a coleira num. A ortografia não se impõe. Não se visa vencer, mas convencer.

Disse alguém: «*Pode desculpar-se a ignorancia, mas o disparate não tem perdão*».

E' preciso de que nos convençamos de que não só na guerra, mas na paz também, só vence o que é simples.

Artilharia — Exercícios na carta

(Para um P. A. M.)

Do livro do Major Silio Portella

Marcha de aproximação de uma vanguarda

(Continuação)

QUESTÕES PARA CAPITÃES

6.^a Questão — Acompanhamento immediato

O problema da artilharia, em ultima analyse, reduz-se a «fazer chegar um projectil—mais ou menos carregado de explosivo—ao lugar desejado e no momento preciso».

Este problema, tão simplificado quando proposto ao canhão, já se complica um pouco em face do pessoal que lida com a peça; este já precisa saber a natureza do projectil, se o tiro é de precisão ou sobre zona, se o projectil tem de arrebentar no ar ou contra o solo.

Subindo-se a escala hierarchica dos commandos, aquelle mesmo projectil que parte do canhão e vae arrebentar no lugar desejado e no momento preciso, adquire fórmulas variadas de applicação, enchendo a tecnologia do artilheiro com barragens, concentrações, tiros de varrer, de cegar, de deter, interdicções, inquietações, destruições e ainda outras modalidades, collocando aquella mesma peça em preparação, em acompanhamento immediato, em apoio directo, contra objectivos fugazes, etc.

No meio de tantas questões, não é de admirar que se tenha certo embaraço em applicar esta gamma variada do emprego da artilharia em combate.

A seguir será discutida a razão de ser de algumas dessas applicações, entre as que podem encontrar guarida no exercicio que estudamos.

Valeria a pena attribuir Bias. ou fracções de Bias. em *acompanhamento immediato* aos Btls. dessa vanguarda?

Tratando-se de operações que se iniciam por um periodo de engajamento,

(*) Mais ou menos 9h.45'; tudo depende da approximação feita pelo Btl. da testa.

poderia parecer, á primeira vista, que tal emprego de artilharia fosse vantajoso, no caso em estudo.

Ora, o emprego da artilharia em acompanhamento immediato é uma consequencia da difficuldade de transmissões; no dia em que estas forem, em qualquer situação, instantaneas, não haverá mais artilharia em acompanhamento immediato; é sabido que mais vale o effeito produzido em 12 disparos, de uma só vez, por um grupo, do que o resultante de 12 tiros successivos por uma ou duas peças.

Em um periodo de engajamento, onde as resistencias passíveis de um tiro de artilharia vão surgindo com a progressão das forças, a transmissão de certos pedidos de fogos póde demorar o tempo sufficiente para que se perca a oportunidade do tiro, se a artilharia de apoio estiver afastada dos elementos mais avançados; e este afastamento é sempre imposto pela vulnerabilidade da arma. Dahi resulta a vantagem de destacar mais para a frente *pequenas* fracções de artilharia em acompanhamento immediato, cujo *vulto minorado* permite a occupação de posições a coberto da ultima crista em face do adversario.

Mas, ao sahir de N. E. de BROTAS, para vencer essas pequenas resistencias, os Btls. da vanguarda podem contar com as suas Mtr. L., Mtr. P., canhões 37 e Stokes; e quando for reclamada a artilharia para resistencias maiores, não será demorada a satisfação do pedido, pela facilidade que o terreno offerece entre CUIAS e Faz. PAINEIRA: boa estrada no eixo de marcha, successão de cristas approximadas.

Não occorreria o mesmo caso se, com antecedencia, fosse reconhecida a existencia de elementos de trincheira na zona de marcha, se a artilharia tivesse de seguir a infantaria amiga com longas marchas por fóra das estradas, ou se grandes distancias entre as cristas obrigassem a

artilharia a um maior afastamento dos elementos mais avançados.

Os incidentes de Faz. BOM RETIRO e Cel. NOVAES não são bastantes para a exigencia de artilharia em acompanhamento immediato; o facto de não poder o R.C.D. continuar a sua progressão, não significa que tambem não o possam fazer os Btls. de infantaria para lá orientados, com meios de fogos muito mais poderosos.

Além disso, ha a considerar a impropriedade do material de que dispõe o Gen. Z. para o acompanhamento immediato: os regulamentos insistem na appropriação do *material de montanha* para tal myster. A razão disso está ligada ainda á questão de mobilidade e vulnerabilidade.

Por um lado, comprehende-se a necessidade de frequentes mudanças de posição com a artilharia de acompanhamento immediato, sempre a se deslocar quando a infantaria amiga toma pé na crista seguinte á que lhe serve de cobertura; relativamente facil com o canhão de montanha, não será um sport muito agradável de realizar com o canhão 75 A. M., por fóra das estradas, subindo acclives com os seus 1.800 kgs. e continuamente ultimando o lanço em manobra de força, para approximar o material da crista.

Por outro lado, mesmo um só canhão e o respectivo carro de munição, quando atrellados, já mostram um vulto notavel na proximidade das primeiras linhas, sendo rapidamente paralyzados com o ferimento de um animal. E' uma consideração a não despresar, quando são conhecidos os cuidados especiaes que cercam a approximação das primeiras linhas com os *carros de assalto*, muito menores e mais protegidos do que uma viatura-peça com os seus animaes de tiro e guarnição.

Não quer isto dizer que os 75 A. M. não possam ser empregados em acompanhamento immediato; em caso de perseguição energica, por exemplo, vale a pena arriscar tudo para aniquilar o adversario.

7.^a Questão — Contra-bateria

Aquelles arrebrandamentos de projectis na elevação immediatamente ao N. de Cor. MUNDO NOVO provocam desejos de fazer calar a bateria inimiga que tão mal acolhe a cavallaria amiga.

Entretanto, o Gen. Cmt. da vanguarda não póde attribuir á sua artilharia a missão de «contra-bater a artilharia do adversario».

Effectivamente, a acção sobre as Bias. inimigas tem de ser transferida para mais tarde; é de esperar que esses dois grupos do 6.^o R.A.M., que apenas chegam á região em que operam, não consigam, no periodo de engajamento da vanguarda, descobrir as posições de Bias. inimigas já cuidadosamente occupadas. A antecipação das forças do Norte no valle do Rib. FEIJÃO lhes deu tempo sufficiente para a escolha de posições bem desenhadas, o que certamente não custou grandes pesquisas, devido ao grande numero de depressões de terreno, não raro profundas, existentes na zona ainda não conquistada pelas tropas do Sul. Então, as Bias. não serão vistas dos observatorios terrestres, unicos utilizados pela vanguarda do Gen. Z.

Essas Bias. inimigas não ficarão impunes; com um pouco mais de tempo chegará o grosso da D.I., com material mais appropriado á contra-bateria e, principalmente, com meios de investigação efficaes: aviação, photographia aerea.

E' preciso não esquecer que a tropa do Gen. Z. não está só; ella é a vanguarda de uma divisão cujo Cmt. marcha no seu *corpo*. Ao lado d'elle está o Cmt. da A.D. que, a taes horas, talvez já tenha conhecimento do resultado dos vôos da manhã; não é difficil que já se esteja providenciando sobre o apreço que merecem as posições de artilharia inimiga porventura descobertas.

8.^a Questão — Interdicção

Os fogos de interdicção se fazem lembrados por causa daquelle Btl. inimigo que, de Faz. SANT'ANNA, se dirige para Faz. PAINEIRA.

Essa interdicção, porém, não poderia ser levada a effeito nas condições em que os acontecimentos se passam.

Em primeiro lugar, naquelle momento, no instante em que o I Btl. vae atacar BOM RETIRO e o II Btl. se approxima de Cel. NOVAES, os dois grupos que os apoiam têm cousa muito mais séria a tratar immediatamente, á frente dos escalões amigos mais avançados. O

que interessa então é o proseguimento da missão dada aos dois Btls., a posse dos primeiros objectivos que lhes forem assignalados e que se acham approximados, não se devendo distrahir meios para intervir a cerca de 10 kms. de distancia, contra uma ameaça que só se tornará realidade algumas horas depois.

Além disso, o exame da carta mostra que a estrada em que o Btl. adversario marcha, está completamente desenhada ás vistas dos observatorios da vanguarda. Este Btl. se revelou a uma ponte de cavallaria lançada para os lados de Faz. SANT'ANNA; mas, depois de ter esta informação chegado ao Gen. Cmt. da vanguarda e este, por sua vez, ter dado conhecimento ao Cel. do 6º R. A. M., ninguém mais saberá onde anda o Btl. nesses 7 kms. de estradas.

Bater systematicamente um trecho tão longo, seria um desperdicio de munições para resultados muito aleatorios, e uma diversão de fogos incompativel com as operações activas que se desenrolam á frente dos dois Btls. de ataque.

Releva ainda notar que esse tiro systematico ao longo da estrada Faz. SANT'ANNA-Faz. PAINEIRA não constituiria interdicção alguma, por não impedir que a marcha do Btl. proseguisse. A interdicção poderia ser alvitrada com tiros sobre a ponte de Faz. SANT'ANNA, se o Btl. inimigo ainda não tivesse por ahi passado; mas, então, seria necessario attribuir-lhe um grande consumo de munições.

9.ª Questão — Barragem

E' um systema de fogos fascinante... Uma vez que o I Btl. tem de entrar em BOM RETIRO, e o II nas alturas a O. de Cel. NOVAES, uma barragem rolante á frente de cada Btl. pareceria indicada para fazer limpar o caminho que conduz ao bom exito da operação.

Mas, examinemos detidamente o caso proposto.

Qual seria a densidade dessa barragem? Os Btls. de vanguarda se engajam necessariamente em uma frente muito larga; as vanguardas não devem temer a occupação de grandes extensões no sentido da frente; é mesmo necessario que assim procedam, para garantir a posse

de pontos de apoio que servirão de base á manobra do grosso, se a sua intervenção for necessaria.

Assim, o grupo de apoio ao Btl. que se engaja na direcção de BOM RETIRO ou Cel. NOVAES, dar-lhe-ia uma barragem de densidade insignificante se quizesse cobrir toda a extensão da frente de ataque, ou cobriria uma frente muito menor que a da unidade que elle se propunha acompanhar com seus fogos, ao contentar-se em bater uma frente compativel com uma boa densidade de arrebentamentos.

Ha ainda mais: o consumo de munições em uma barragem, mesmo de curta duração, é muito grande relativamente á quantidade de projectis que aquelles dois grupos possuem para todas as operações do dia, inclusive a tomada da crista ao S. de Faz. PAINEIRA, onde se suppõe que as acções de artilharia têm de ser mais energicas.

Ainda uma razão, e esta de ordem technica: a barragem necessita de uma linha de partida bem definida no terreno, á qual se vem collar a infantaria amiga, sem o que perderia a protecção que a cortina de fogos lhe offerece. Ora, attendendo um pouco ao mecanismo de engajamento de uma vanguarda, vê-se a impossibilidade de saber com exactidão em um momento dado, onde se acham as testas de columna de infiltração; e, mesmo que se viesse a saber, nos cinco minutos seguintes tudo estaria modificado.

A definição exacta dessa linha é essencial para o artilheiro; do contrario não será possivel fazer partir a barragem rolante sem riscos de attingir as tropas amigas.

10.ª Questão — Concentrações successivas

No caso de que nos occupamos, a maneira mais conveniente de conduzir os fogos de apoio á progressão dos Btls. consiste em concentrações rapidas e violentas, porém, intermitentes, sobre os pontos que forem indicados pela manobra da infantaria.

Não bastando taes meios, isto é, sendo sérias as resistencias encontradas, torna-se, então, necessario concertar uma

operação como o grupo de apoio. O efeito a conseguir pelos fogos do grupo é o de *neutralização* do inimigo nos pontos de apoio naturais em que elle se mantém: as concentrações massiças, embora de curta duração, realizam cabalmente esse *desideratum* porque, tendo o adversario supportado a consequencia brutal de uma rajada de projectis de 75, não recuperará rapidamente o sangue frio necessario á utilização immediata de suas armas. Este resultado será mais duradouro se as concentrações forem seguidas de tiros isolados de uma ou duas peças.

A infantaria amiga aproveitará a neutralização, quer para occupar directamente o ponto de apoio neutralizado, quer para continuar a progressão de um lado e outro desse ponto, de modo a tirar proveito de todas as vantagens proporcionadas pelo contorno e pelo envolvimento.

O essencial a uma artilharia que apoia a Vg. em marcha de approximação, é realizar a perfeita concordancia de esforços com a infantaria apoiada.

Esta concordancia deve ser mantida *no espaço*, entendendo-se por isto que a artilharia actuará successivamente sobre as resistencias proximas que se oppuzerem pouco a pouco á marcha da infantaria, e não sobre as afastadas, que constituem perigo longinquo, fóra da missão de apoio imposto á artilharia (exemplo: batalhão de infantaria visto em Faz. SANT'ANNA).

A concordancia deve tambem realizar-se no tempo, o que significa para a artilharia promover a neutralização quando a infantaria póde aproveitá-la, saltando sobre o adversario ou contornando-o pelos flancos.

Isto exige do Cmt. de artilharia da Vg. um especial cuidado nas ligações com a sua infantaria para que, a cada momento, saiba o que ella vae fazer e até onde é possivel ao artilheiro auxiliá-la.

A intimidade com a infantaria é assegurada pela proximidade dos respectivos P.C., pela observação constante da zona de acção e pelos agentes de ligação lançados o mais possivel á frente.

A conducta deste Commando deve ser pautada pela vontade energica de bem cumprir a missão, a despeito de todas as deficiencias, irregularidades e acciden-

tes ou da falta de esclarecimentos e intercorrença de ordens mal redigidas, de tudo emfim que gera as difficuldades costumeiras do campo de batalha.

O Cmt. de artilharia de vanguarda deve procurar inteirar-se, o mais cedo possivel, dos acontecimentos que se desenrolam e do plano de manobra da infantaria amiga, de modo a fazer obra de previsão sem se deixar surprehender pela successão dos factos. Para isso, mesmo em marcha, deve informar-se continuamente dos successos, procurando saber as eventualidades encaradas no plano de manobra do commando a que está subordinado, inteirando-se das ordens que estão sendo expedidas e lendo por cima dos hombros, com toda a indiscreção, as informações que chegam da frente e são dirigidas a outrem. Por seu lado, e por sua *exclusiva iniciativa*, cuida de ir escalonando os recursos de suas forças na medida dos acontecimentos, de maneira a orientá-las para os pontos desejados com oportunidade, vencendo os embarrasos que se lhes antepõem. Deve fazer prova de uma actividade incansavel, ordenando reconhecimentos, trabalhos topographicos, occupação de posições pelas Bias., deslocamento para sitios mais avançados, tudo isto antes de lhe chegar ás mãos a *famosa ordem de operações*...

O chefe artilheiro de vanguarda que, ao revez disso, mette-se na columna para *aguardar ordens*, por mais profundos que sejam os seus conhecimentos, apresentará certamente uma artilharia mediocre.

Porque, em conclusão, o « exito depende muito mais do vigor e da tenacidade na execução do que da habilidade das combinações ».

QUESTÕES PARA TENENTES

11.^a Questão — Situação da artilharia na divisão

Voltemos ao inicio do deslocamento da III D.I., na manhã de 6 de Maio, e examinemos a situação dos differentes elementos de artilharia na columna em marcha, antes da necessidade de marchar por lanços e escalões successivos, imposta á artilharia da V.G.

Esta é constituída por um grupo: o 1/6º R.A.M. No momento em que o

Cmt. III D.I. recebe as informações da sua cavallaria, onde se acha esse grupo?

A aviação do dia 5 nos dá o inimigo estabelecido defensivamente na região ao N. do Rib. do FEIJÃO; viu mesmo pequenas columnas a passarem esse rio na região Faz. PAINEIRA, em marcha para o Sul.

Quer isto dizer que a vanguarda do Gen. Z. deve contar com um engajamento na jornada de 6, e porque se vae engajar, o grupo de artilharia attribuido á vanguarda deve ser lançado tanto quanto possível á frente, de modo a poder intervir rapidamente na acção.

Por outro lado, a artilharia, em principio, é disposta na columna de modo que o fogo efficaz da artilharia inimiga não a atinja em formação de estrada.

Ante esta ultima exigencia, o grupo poderá marchar além dos Btls. do corpo da vanguarda; seu logar na columna será no proprio corpo ou atrás d'elle, no espaço que o separa da frente do grosso.

A escolha de uma ou outra situação não é arbitraria: o terreno é que a indica.

Se a zona de marcha fosse fortemente accidentada e coberta, o grupo poderia marchar enquadrado no *corpo*, precedido por uma tropa de infantaria, um Btl. no minimo.

Mas, o exame da carta na zona de marcha da columna mostra que o terreno, embora ondulado, tem grandes planicies perfeitamente visiveis das alturas que bordam o Rib. do FEIJÃO. Marchando, então, em zona de extensos horizontes, é mais prudente collocar o grupo depois do *corpo*. Os 6 ou 7 kilometros que o separam da ponta de sua vanguarda, deixam-no a uma dezena de kms. das posições possiveis da artilharia inimiga.

Essa disposição — artilharia depois do corpo da vanguarda — é a que deve ser mais geralmente adoptada entre nós, principalmente se attendermos ao terreno descampado e de vastos horizontes do Sul do nosso paiz.

Assim, ás 7h,15' a testa da columna de viaturas attingirá CUIAS, ou talvez se ache a 2 ou 3 kms. mais ao Sul, porque o espaço entre a vanguarda e o grosso proporciona ao grupo marcha livre,

independente dos altos da columna, dando-lhe oportunidade de desenvolver mais a andadura dos cavallos, com altos mais prolongados que os das tropas a pé.

Para que, entretanto, se faça sentir a intervenção rapida do grupo no provavel engajamento da Vg., os seus elementos de reconhecimento são lançados á frente:

a) O major Cmt. junto ao Gen. Cmt. da vanguarda, acompanhado do primeiro escalão de reconhecimento do grupo (collo 4 kms. N. de CUIAS).

b) Os capitães das Bias., com o segundo escalão de reconhecimento, testa do *corpo* da vanguarda (2 kms. ao N. de CUIAS).

c) As viaturas de reconhecimento em terceiro escalão, á testa da columna de pecas.

— Os demais elementos da artilharia da III D.I., onde se acham?

O Gen. Cmt. da A.D., junto ao Gen. Cmt. da III D.I., em CUIAS.

O resto do 6º R.A.M. (dois grupos) no grosso da D.I., logo depois do batalhão testa, na ordem — II e III grupos — pois que na «situação particular» se viu que o Cmt. da D.I. mandou avançar o II, o que significa a sua collocação na columna antes do III.

— O Cmt. do 6º R.A.M., que deve intervir com os seus II e III grupos nas acções a se desenvolverem na frente, marcha entre a testa do grosso divisionario e a retaguarda do I grupo, seguido do primeiro escalão de reconhecimento do II grupo.

— O restante da A.D. virá intercalada na infantaria do grosso: depois do 6º R.A.M., os dois Btls. do R.I. testa, seguidos do outro R.A.M., do G. Mth., dos dois outros R.I. e, finalmente, do R.A.P. da D.I.

Eis ahi um dispositivo para a marcha dos diversos elementos de artilharia da divisão. A successão dos que acompanham o grosso da D.I. póde ser alterada, de accôrdo com a urgencia do emprego previsto nas operações da frente.

Assim, o grupo de Mth. marchará á frente do 5º R.A.M. se for manifesta a sua utilização em primeira necessidade.

Do mesmo modo, o R. A. P. poderá preceder o 5º R. A. M. e o 3º G. Mth., se o seu accionamento parecer necessario desde o inicio das operações do dia 6.

Convem notar ainda que esta disposição corresponde á marcha da divisão em columna unica; no caso de varias columnas — como, aliás, é possível com a rede de estradas da zona de marcha — o fraccionamento e successão das unidades de artilharia seriam evidentemente outros.

12.^a Questão — Reconhecimento de posições

Tomemos as operações de reconhecimento de posições, depois de resolvida a marcha do I grupo por lanços e escalões successivos, para apoiar a marcha de aproximação do I Btl.

Por determinação do Major Commandante, o official orientador do grupo parte para a depressão ao S. do collo, a escolher a posição da Bia. testa da columna de viaturas.

O major atravessa o collo e, pessoalmente, vae reconhecer uma posição para as duas outras Bias., na depressão immediatamente a N. E.

Assentadas uma e outra, o Cap. da Bia. testa é chamado ao official-orientador e os dois outros ao Major do grupo. A Bia. testa é encaminhada em andadura viva á posição, passando pela esquerda da columna de infantaria (pela esquerda porque neste momento o II/9º R. I. deixa a estrada de marcha orientando-se para N. E., em direcção a Cel. NOVAES).

As outras duas Bias. cerram sobre a cauda do III Btl. E, assim que o I Btl., testa da vanguarda, tiver progredido sufficientemente para proteger a occupação de posição a N. E. do collo, ambas são chamadas ao accionamento, passando desta vez pela direita do III Btl., que continúa em marcha pela estrada.

A C. L. M. provisoriamente não passará CUIAS, as munições dos carros das Bias. serão sufficientes para as acções iniciaes.

Tendo o Major reconhecido a depressão N. E. do collo, parte para a crista ao N. afim de acompanhar os movimen-

tos de aproximação do Btl. Enquanto isso ocorre, os Caps. das duas Bias. ficam a preparar o tiro, sendo um delles encarregado de reconhecer ahi uma terceira posição, onde eventualmente virá ter a Bia. que ficou ao S. do collo.

Vê-se que não ha disposições rigidas para a execução dos reconhecimentos na artilharia: em uma mesma operação, acham-se simultaneamente o tenente orientador, o Major do grupo e os Caps. de Bias.

Regressando o official orientador ao observatorio do Major, onde encontra prestes a determinar, se necessario, a abertura do fogo para a progressão da infantaria, recebe novo encargo: effectuar reconhecimentos na ravina «Cor. MUNDO NOVO», cuja occupação permittirá a todo o grupo atirar sobre Faz. PAINEIRA ou mais além.

O reconhecimento é feito e, desde que o I/9º R. I. atinja a ravina ao S. de BOM RETIRO, a Bia. em posição ao S. do collo virá situar-se no valle do Cor. MUNDO NOVO. Continuando favoraveis as operações do I Btl., as duas outras virão, por sua vez, para esse valle, posição final do grupo nas operações até agora previstas.

Assim será feita a marcha por lanços e escalões. Sendo o grupo constituido por tres Bias., forçosamente os escalões são desiguaes: um formado por uma Bia. e outro por duas. Esta repartição é obrigatoria todas as vezes que um só grupo é encarregado de apoiar a progressão com o avanço do material.

Se tal artilharia fosse constituida por mais de um grupo, já então os escalões seriam compostos por *grupos inteiros*, a menos que tivessem de operar em zonas differentes.

Eis ahi como o I grupo escalona as suas possibilidades de fogo. Deve-se notar que, com o dispositivo tomado, se, no inicio, uma reacção inimiga atira fóra de suas posições o 3º R. C. D., cujo grosso está na garupa ao N. do Cor. MUNDO NOVO, a Bia. em posição a S. do collo completará o apoio que, necessariamente, o Btl. testa prestará aos cavalleiros. Se as columnas de aproximação desse Btl. têm os passos disputados ao subirem a garupa ao Norte do Cor. MUNDO

NOVO, então, mais duas Bias. — as de N.E. do collo — estarão promptas para secundarem a do sul em sua acção contra as resistencias oppostas. Emfim, se a acção sobre BOM RETIRO exigir esforço sério da parte do I Btl., todo o grupo já ao norte do collo de CUIAS, estará em condições de coroar com seus fogos a zona de occupação adversa.

13.^a Questão — Baterias destacadas

A proposito do deslocamento do III Btl. para o flanco esquerdo da vanguarda, afim de attender á ameaça esboçada pelo Btl. inimigo que atravessou a ponte Faz. SANT'ANNA, poder-se-ia ter suggerido destacar uma Bia. do I grupo para acompanhar as operações desse Btl., apoiando-o possivelmente no valle do rio SANTA JOANNA.

Não se deve, entretanto, partir o grupo de artilharia para dar missões á parte a Bias. destacadas.

A constituição do grupo em tres Bias. de campanha, assegura-lhe uma potencia de fogos que lhe é propria e uma constituição organica capaz de cumprir uma certa missão. Uma Bia. posta de lado

para receber missões de commando, acarreta um enfraquecimento consideravel dos fogos do grupo e muito difficilmente poderá fazer alguma cousa na sua disponibilidade: primeiro, porque os fogos das suas quatro peças estão muito longe de produzir o effeito em massa que é para desejar na artilharia; segundo, porque, os meios de investigação de que dispõem as Bias. são muito precarios, não sómente em pessoal como em material.

Com effeito, a T.S.F. se encontra do escalão grupo para cima; o material telephonico da Bia. reduz-se a alguns kilometros de fio para as ligações do material ao seu P.C. e este ao seu P.O. Se for preciso um destamento de ligação, não ha no interior da Bia. elementos sufficientes para constituil-o em pessoal, ou material.

Nestas condições, a Bia. não é propria para receber «missões de fogos»; como órgão de execução, só recebe «missões de tiro». O grupo, sim, é um órgão que dispõe de meios para a realização de missão tactica. A Bia. está organizada para viver no ambito do grupo.

Major Silio Portella

A educação physica nacional — A instrucção physica militar

A proposito do apparecimento do Manual de Instrucção Physica Militar

As necessidades surgidas, devido ao grande consumo de energias humanas na Grande Guerra 1914-1918, conduziram os technicos militares a imprimirem á educação physica e á pratica dos desportos importancia consideravel.

Na França, nos Estados Unidos, na Inglaterra, no Japão, em todas as potencias da Europa Central e principalmente da Allemanha, a educação physica e os desportos adquiriram os fóros de meio poderoso de educação nacional, por isso que constituem base solida na formação do individuo; tanto quanto o preparo intellectual o physico tornou-se objectivo de monta nos programmas dos governos dos citados paises, e, nas realisações effectivadas e coroadas de successo, a iniciativa particular soube dar mão forte aos nobres intuitos dos dirigentes governamentais.

Entre nós, infelizmente, tal problema está ainda para ser encarado. Afóra os clubs de football e nauticos e alguns destes em via de am-

pliação para tornarem-se centros de educação physica, graças á orientação louvavel e lucida de seus dirigentes, nada mais existe.

No Exercito, o apparecimento do Regulamento de Instrucção Physica Militar em 1921 marca o primeiro passo na sentido da nova orientação; mas dahi, ao nosso ver, nada se tem avançado no campo official do problema.

O regulamento de 1921 pelo seu feito obrigatoriamente succinto limitou-se a estabelecer uma directiva, principios geraes que devem presidir a instrucção physica militar propriamente dita; restringiu-se a esse aspecto muito particular do problema — educação physica dos homens sob as fileiras; não se ampliou, embora assignale sua possibilade no prefacio, á toda a Nação; e, o que é mais importante, não poudé, por si só e sem outra intervenção, fazer surgir, de momento a outro, a mentalidade vigorosa que deve crear, impulsionar e orientar a innovação que, para ser aceita

com espontaneidade, deve impôr-se pelos seus efeitos visíveis, palpáveis e, aos olhos de todos, lucrativos.

Com o fim de sanar essa falha e para facilitar a iniciação dos novos methodos gymnasticos foi creado em 1921 o Centro de Instrução Physica Militar, mas sua installação e inauguração ficou, de caso pensado, dependendo até hoje de mestres especializados e capazes de dirigir e orientarem a formação de instructores especialistas. Quem tem noticia dos moldes e dos processos de execução da Escola de Joinville Ponts não pode deixar de reconhecer que não possuímos officiaes especializados em instrução physica, capazes de dirigirem aquella formação, de organisarem e impulsionarem o laboratorio que deve ser tal centro — pesquisador dos meios e processos mais viáveis para adaptarem os melhores methodos existentes ás nossas condições particulares.

Emquanto não tivermos esses especialistas é de bom aviso não dar começo, como se tem feito até agora, ao Centro, para evitar que seu funcionamento, por força imperfeito, venha desmoralisar Instituto de tal utilidade, como é comum aos organismos que se revelam enfraquecidos desde o nascedouro.

Que estes mestres especialistas venham dos mais adeantados paizes ou que para lá enviemos nossos officiaes e sargentos em condições de virem a ser os mestres desejados, é questão de somenos importancia, já que o essencial é termos aqui os mestres capazes de porem nos trilhos a machina impulsora do grande problema do revigoreamento da Raça, já que qualquer das soluções exige, como capital penhor do successo, a comprovada capacidade de seus executores e a conjugação das vontades de todos os departamentos nacionaes interessados na questão.

Frizamos aqui a generalisação do problema mas, ao mesmo tempo, lembramos a necessidade da centralisação conjugadora de esforços, de modo que a educação do organismo se estenda á toda a Nação sob uma orientação uniforme, sob a direcção e egide de um órgão central, á semelhança do que está realisado, em grande parte, no problema da educação intellectual.

Estas idéas vieram-nos á mente ao folhearmos o MANUAL DE INSTRUÇÃO PHYSICA MILITAR confeccionado pelos Capitão Barbosa Leite e Primeiro Tenente Jair Ribeiro, quando instructores na Escola de Sargentos de Infantaria e que agora acaba de ser divulgado pelo Estado Maior do Exercito.

Dois factos confortadores devem aqui ser assignalados, por encerrarem motivo de conforto e crença nas nossas possibilidades: o esforço destes dois camaradas e a acção tenaz desenvolvida pela Liga de Esportes do Exercito no sentido de approximarem o problema da educação physica de sua solução desejada e satisfactoria. São esforços isolados, dispersos, por enquanto, mas que queremos sejam acompanhados de perto pelos gestos realisadores dos dirigentes das causas publicas.

O Manual de Instrução Physica Militar vem á luz após varios annos de porfiados estudos e pratica dedicada durante o largo tempo

em que seus auctores tiveram a seu cargo tal ramo de instrução na Escola de Sargentos. Não tem seus auctores as credenciaes de um curso especializado, como é vantajoso que aconteça a quem doutrinar sobre assumptos de tal magnitude, porem apresentam-se como estudiosos e applicadores conscienciosos dos principaes mestres do assumpto em França. A falta de experiencia pessoal, obtida em laboratorio especializado de educação physica, procuraram os dois officiaes supprir com os conselhos dos mestres, taes como Hebert, Amoros, Bellefon-Marul e Boigey, este ultimo actual Medico-Chefe da Escola de Joinville e da ultima edição do Regulamento Geral de Educação Physica Francez.

E' principalmente em face deste ultimo regulamento que resalta a oportunidade do Manual. De facto, sabido é que depois da publicação do nosso regulamento de instrução physica, os francezes ampliaram extraordinariamente a codificação da educação physica; deram-lhe o aspecto de verdadeiro plano de educação physica nacional destinada á infancia, ás edades adultas e madura; desceram a todos os detalhes de execução; e o que é importante incluíram noções de pedagogia applicadas á instrução physica. Deante de tal evolução não se justifica que continuemos dentro dos limites restrictos do Regulamento 1921, verdadeira traducção de L'Entrainement Physique du Combatant de 1918. E foi comprehendendo tal estado de cousas que os auctores do Manual se abalancaram em preceder a iniciativa da regulamentação official, procurando contudo respeitar em linhas geraes as prescrições do regulamento vigente. O esforço dos dois distinctos officiaes não se limitou tambem á transplantação dos textos francezes; não esqueceu as condições de nosso meio. Alem do meticuloso cuidado em tornar claros e comprehensíveis todos os preceitos gymnasticos, ha a salientar no Manual notavel trabalho de adaptação quando se trata de fixar os indices do valor physico do individuo e quando não se esquece de nossa nacional capoeiragem na lucta corporal.

Não resta a menor duvida que o problema da Educação Physica apresenta complexidade consideravel e ainda não posta em equação pelos que tem responsabilidade em sua solução ou pelos que della tem cogitado. Não é pelo simples facto de ordenar-se a realisação de exercicios gymnasticos nas escolas publicas e de fomentarem-se competições desportivas nas escolas, nos meios desportivos civis e nos quartéis que se conseguirá resolver o problema. Estas iniciativas não podem alcançar outro objectivo que não o da propaganda, do reclame da utilidade, das vantagens e necessidades em educar-se o organismo para tornar-o mais sã, mais viril; não podem visar senão o despertar de todas as iniciativas particulares e publicas no sentido de uma realisação generalisada do problema.

São por isso aconselhadas e louváveis.

Dentre ellas devemos destacar a incentivo dos desportos nas escolas municipaes do Districto Federal, graças ao atilado e emprehendedor espirito do Dr. Carneiro Leão, Director da Instrução, mas permita-nos este digno educador ligeira advertencia que certamente ha de ter ensombrado suas visões idealistas e

seus projectos alevantados: não será perigoso, não será de effeitos desastrosos o entregar-se a educação physica da infancia a quem não dispõe de sufficientes conhecimentos do assumpto? não se deve ter receio de prejudicar o desenvolvimento infantil com a pratica e dosagem de exercicios violentos ou incompatíveis com o organismo em formação da creança? bastará ter lido algum tratado de Gymnastica e assistido algum curso improvisado para habilitar-se um leigo na educação physica da infancia? Temos visto em varias escolas municipaes a educação physica entregue a professores de aspecto physico pouco recommendavel para tal mister e não nos consta terem frequentado cursos praticos perfeitos que lhes ministrassem as habilitações necessárias e indispensaveis; e somos de parecer que, apesar de toda a boa vontade, de que naturalmente se revestem taes professores, não lhes é possível supprir a falta de experiencia pessoal, só peculiar aos mestres especialistas que sabemos ainda não existirem entre nós.

Estes ligeiros commentarios contribuem para estabelecer os termos em que deve ser encarada a Educação Physica Nacional. E' preciso em primeiro logar que a solução seja estudada e procurada não somente pelos responsaveis nas forças armadas mas ainda pelos dirigentes de todas as manifestações das actividades publicas e particulares.

Em França, o Exercito tomou a iniciativa da regulamentação nacional da Educação Physica e o meio civil acceitou de boa vontade a tutela e subordinou á organização militar toda a Educação Physica da Nação; mas os responsáveis pela situação, reconhecendo que isto não é bastante, cogitam e batem-se pela criação de um órgão central, capaz de canalizar e harmonisar todas as iniciativas nacionaes na execução do grande problema — o Instituto Nacional de Educação Physica, a exemplo dos existentes em Stockholm e Gand.

Entre nós, onde não ha nada feito e onde o Exercito não tem interferencia na solução dos problemas nacionaes que interessam á defesa e vida do Paiz, o estudo do problema por elementos civis e militares conjunctos impõe-se de ha muito tempo e naturalmente teria evitado os trabalhos dispersivos e perdidos de muitos dedicados pelo assumpto.

Urge crear o espirito de continuidade e a unidade de doutrina, condições principaes do successo de qualquer emprehendimento. Um es-

tudo acurado dos differentes methodos de educação physica existentes permittirá discernir as vantagens de cada um e as conveniencias delles ao nosso caso particular. Que adoptemos o methodo francez ou o sueco mas adoptemos um methodo unico e duradouro.

Mas em tudo isso «apressemos-nos lentamente» como aconselhava Boileau em sua «Arte poetica». «Em materia de educação physica não é só questão de perder tempo, mas principalmente de fazer obra duravel».

«Por mais valor que tenha o methodo pequena é a sua influencia neste assumpto e a qualidade dos instructores tem primazia sobre a do instrumento. Não se pode confiar, sem riscos de prejuizos, o apparelho de precisão, que é a machina humana, a mau operario. Não se pode ter a pretenção de formar taes artistas em alguns mezes sem o risco de viciar os organismos». Taes são os termos do commandante Besnard, como censura á pequena duração dos estagios na Escola de Joinville.

Tudo isso reforça a necessidade que temos de formar os mestres de educação physica em cursos especializados e dirigidos por mestres consagrados, chamados até o nosso paiz ou lá mesmo nas escolas estrangeiras.

E que todos se convençam de uma vez por todas que é impossivel improvisar especialistas em educação physica sem os mestres, sem apparelhamento e sem a pratica de dois a tres annos nas escolas, como acontece na Suecia e na Belgica.

Não vá dahi concluir-se que devamos crisar fakirescamente os braços á espera dos mestres habeis. O trabalho intelligente e sedento de aperfeiçoamentos é, muito ao contrario, vantajoso e tanto mais quando orientado por espiritos honestos e de senso pratico desenvolvido.

Não se conseguirão todos os resultados que seriam alcançados por uma orientação experimentada porem ter-se-ha muito mais do que o zero apresentado pela inacção.

E' segundo tal eixo que os auctores do Manual de Instrucção Physica Militar fazem o seu esforço, na certeza de que, quando cá chegarem os mestres desejados, encontrarão estrada terraplenada onde correrá a machina da Educação Physica Nacional e terão para auxiliar os nossa experiencia indigena sufficientemente documentada.

Subsidios para os quadros de reserva

(A nossa contribuição)

Os deveres primaciaes do official de reserva.

Tudo que empreendemos, entre nós, sofre sempre o grande mal do abandono, da falta de continuidade. Dá-se o impulso inicial e, depois, deixa-se que a empresa marche, evolua por si só. Esta por sua vez, cessada a primeira impulsão, progride como póde, arrastada apenas pela velocidade restante.

Neste caso está a instituição do officialato de reserva. Estabelecido o regulamento respectivo, feitas algumas transferencias de classe, instruidas que foram algumas turmas esparsas de candidatos, nada mais se fez. Nem mesmo um passo para se manter em dia os conhecimentos e aptidões praticas dos officiaes de reserva foi, ao menos, tentado.

Dahi a estagnação em que vivem os nossos officiaes de reserva, a falta de estímulo para novas turmas de candidatos e, principalmente, a ausencia dos effeitos sociaes que se devem esperar da sua instituição.

*
*
*

Todavia um novo dia nasce. A iniciativa de alguns officiaes de carreira e a actividade de outros de reserva, notadamente da 2.^a Linha, põem novamente em foco a questão do recrutamento dos officiaes de reserva, sem duvida o primeiro passo para que se venha a tratar do resto.

E' o momento, precisamente, de se pôrem em acção os officiaes de reserva, no sentido de prestigiar as actuações em curso. E é por isso, que nos lembramos de resaltar agora os deveres primaciaes que lhes incumbem.

Um bom official de reserva deve cuidar, essencialmente, da eficiencia do quadro a que pertença, procurando augmentar cada vez mais o seu proprio grau de preparação militar, como o de seus camaradas; ainda mais, deve ser propagandista perseverante e intelligente da formação de novos officiaes de reserva.

Ao nosso vêr esses são os seus deveres primaciaes. E é relativamente facil cumpril-os. Basta que se não espere tudo do meio militar, que se tomem iniciativas individuaes, que se procure dar o exemplo.

Deligenciem os officiaes de reserva alliar-se aos da activa, assistir-lhes, na medida das possibilidades de cada um, ás conferencias e aos trabalhos tacticos em sala ou no campo e estudar-lhes as producções e, assim, cumprirão o primeiro dos seus deveres e apesar da inercia de cima.

Insistam os officiaes de reserva em demonstrar a todos que para cidadãos de certa cultura, exercendo determinada actividade no meio civil, o tributo de sangue não póde e não deve restringir-se á aquisição da simples caderneta de reservista e desse modo terão cumprido o segundo dos seus deveres primaciaes.

I — O QUE DEVE FAZER O COMMANDANTE DE UMA UNIDADE PARA PREPARAR A MARCHA

(R. S. C. n.º 117 a 119)

— *Itinerario.* — Estuda a carta; procura informações sobre as estradas, existentes na re-

gião que vae percorrer, tanto as que seguem a direcção da marcha, como as transversaes, tendo em vista poder ligar-se com as columnas vizinhas; requisita guias, de preferencia arrieiros, medicos ruraes, estafetas do correio rural, bufarinheiros, etc., que, devido ao habito de viajar, são conhecedores da zona a percorrer.

— *Ponto inicial (P. I.) e Ponto de reunião.* — Manda reconhecer o ponto inicial ou o de reunião, designados pelo commando immediatamente superior, bem como o itinerario que lá vae ter; escolhe, se fôr preciso, um ponto inicial intermediario ou um de reunião particular para sua unidade, evitando qualquer movimento inutil. O ponto inicial deve ser de facil accesso e não ter as circumvizinhanças inacessiveis, a exemplo das saídas de povoações, dos desfiladeiros e dos bosques.

O local de reunião, de modo semelhante, não deve ser escolhido sobre estradas em que possa ser prejudicada a circulação.

A reunião antes da marcha é o processo normal para a formação da columna nas companhias, baterias, esquadrões, grupos e batalhões; o processo de passagem pelo ponto inicial é mais apropriado ás unidades maiores.

— *Hora de partida.* — Verifica cuidadosamente a hora estabelecida pelo commando superior para a partida do estacionamento, passagem pelo ponto inicial ou reunião no local designado. Em funcção desta hora, da distancia e do itinerario ao ponto inicial ou de reunião, designa a hora de passagem pelo ponto inicial intermediario ou da reunião particular de sua unidade. Tem sempre em vista que augmentará inutilmente a fadiga da tropa fazendo-lhe esperar em forma e de mochila ás costas ao em vez de marchar. Por isso a unidade deve entrar em fôrma muito pouco tempo antes da partida, bem como chegar ao local de reunião com antecedencia de alguns minutos sobre a hora designada para a reunião. Do mesmo modo deve não ser admissivel a chegada ao ponto inicial antes da hora designada para a passagem ahi e a consequente reunião em suas immediações. Toda parada ou todo movimento inuteis devem ser evitados.

Tempo necessario para percorrer distancia inferior a 1.000 ms.

Dists.	Tempos	de accordo com as velocidades de:			
	72 m/m	80 m/m	90 m/m	100 m/m	
	3600	4000	4500	5000	
	a hora	a hora	a hora	a hora	
100	1m 23s	1m 15s	1m 6s	1m	
200	2m 46s	2m 30s	2m 12s	2m	
300	4m 09s	3m 45s	3m 18s	3m	
400	5m 32s	5m	4m 24s	4m	
500	6m 55s	6m 15s	5m 30s	5m	
600	8m 18s	7m 30s	6m 36s	6m	
700	9m 41s	8m 45s	7m 42s	7m	
800	11m 04s	10m	8m 48s	8m	
900	12m 27s	11m 15s	9m 54s	9m	
1000	13m 50s	12m 30s	11m	10m	

Se por acaso uma unidade chegar ao ponto inicial ou ao de reunião antes da hora designada, deverá ensarilhar armas, desequipar e sair de fôrma para não se fatigar inutilmente.

No caso do commandante da unidade ter liberdade de escolha da hora da partida deverá considerar que entre nós a marcha é, em regra, muito fatigante de 11 hs. às 15 hs. e que portanto convem partir cedo, fazer alto durante as horas de maior calor e completar o percurso á tarde.

Alimentação.—Manda distribuir a refeição antes da partida, de modo que os homens façam a da manhã e levem consigo a do meio dia, caso não se disponha do carro cosinha.

Ordem de movimento.—Redige a ordem de movimento para sua unidade, estabelecendo a ordem dos elementos na columna, para que todos se alternem nas diferentes collocações; fixa o lugar onde marcharão os T. C. e os T. E.; prevê, se fôr o caso, as medidas de segurança da columna e reparte pelos diferentes elementos as missões correspondentes a essas necessidades; determina os processos de ligação durante a marcha (emprego dos esclarecedores montados do R. 1.); fixa as horas dos altos (pequenos altos, altos horarios, grande alto); etc.

Quando as ordens chegam durante a noite só há necessidade de transmitil-as immediatamente ás unidades que devam iniciar o movimento antes da hora que foi anteriormente designada para as unidades estarem em fôrma promptas para partir. Mesmo nesse caso só os commandantes de unidades devem tomar conhecimento do objectivo da marcha, das medidas de execução, etc. As disposições para a marcha são comunicadas ás companhias e trens logo depois da alvorada.

A ordem preparatoria e se possível a ordem de movimento podem ser comunicadas a todos os officiaes por occasião da partida ou do primeiro alto horario.

Essa medida deve ser observada com tanto maior rigor quanto mais necessario fôr o segredo das operações a realizar.

II — PRECEITOS SOBRE INTERROGATORIO DE PRISIONEIRO

- 1) Ha sempre vantagem em interrogar-os o mais cedo possivel para que se tire partida de sua emoção e se evite combinação de respostas.
- 2) Deve-se começar perguntando duas ou tres coisas já tidas como certas para se avaliar do grau de sinceridade do interrogado; isso representará tambem um meio de controle contra os desertores que podem ser agentes do inimigo lançados com o fim de espalhar falsas ou tendenciosas noticias.
- 3) Em cada escalão só se deve pedir informações que se possam, com os proprios meios, verificar e explorar; ao passo que nos Regimentos só se deve perguntar sobre o inimigo que se tem em frente (armamento, equipamento, munições, localização de reservas, substituições etc.) e nas divisões sobre organização defensiva, dispositivo de marcha, dispositivo da Artilharia, etc.; no escalão Exercito é preciso ir muito além (serviços da retaguarda, depositos no interior, situação geral militar, politica e economica etc.)

4) Toda informação a explorar com urgencia deve ser transmittida immediatamente; como em geral os prisioneiros chegam por grupos mais ou menos numerosos é preciso trabalhar depressa.

5) Ao chegar um grupo de prisioneiros é preciso fazer-se quanto antes a triagem delles por categorias (officiaes, sargentos e graduados, soldados) afim de melhor orientar-se o interrogatorio de cada um.

III — OBSERVAÇÕES SOBRE A PASSAGEM DOS PRIMEIROS ELEMENTOS ENCARREGADOS DE PROTEGER A CONSTRUÇÃO DE PONTES

a) Utilização de barcos:

- de preferencia não devem elles pertencer ao material da equipagem;
- devem ter capacidade para 15 ou 20 homens;
- quando se empregam varios typos: os mais leves devem atravessar a montante, os medios ao centro e os mais pesados a jusante;
- se a construção da ponte já está em começo é preciso preservá-la de incidentes e o melhor meio para isso é fazer-se os embarques a jusante ou se a montante, fazer-os a uma grande distancia;
- deve evitar-se que os barqueiros sejam civis, pois, quasi sempre, estes se deixam dominar pelo medo;
- se existe um afluente a montante do ponto de passagem ahi se poderão organizar as flotilhas de barcos destinados aos transportes de artilharia, cavallaria e viaturas de um modo geral.

b) Utilização de jangadas:

- menos preferivel devido á incerteza do ponto em que apontarão (má direcção) e demora no regresso;
- navegam com mais difficuldade e deixam as tropas mais expostas ao fogo;
- apresentam a vantagem de permittir a passagem de maior numero de homens de cada vez e a de não irem a pique em consequencia do fogo inimigo.

c) Hora de passagem:

- a melhor hora é a do clarear do dia; a escuridão occultará as ultimas disposições a tomar-se;
- pôde-se, entretanto, transpor um curso d'agua á noite com exito.

d) Execução da passagem:

- reduzir ao minimo o ruido com os barcos;
- os homens entram por filas e se sentam — um a cada borda;
- em caso de encalhe os homens desembarcam e trabalham no desenralhe;
- se ha cavallaria a passar, colloca-se em taboleiro sobre grandes barcos (balsa); os cavallos ficam normalmente ao comprimento dos barcos, as cabeças alternadamente para um e outro lado;
- peças leves podem ser tambem transportadas sobre balsas desse genero.
- a flotilha pode largar mesmo sob uma bargem de artilharia (os projectis pouco fazem sobre barcos navegando);
- nas viagens de retorno pôde-se evacuar feridos; além destes e dos barqueiros a ninguém mais se permite voltar.

EXPEDIENTE

«Aos redactores effectivos cabe a responsabilidade da edição, aos collaboradores á das opiniões que emittirem em seus artigos» (art.º 7 dos Estatutos do Grupo Mantenedor).

REPRESENTAÇÃO COMMERCIAL

E' nosso representante commercial o prezado patricio Snr. Candido Viegas, chefe do serviço de propaganda da firma Silva Araujo e administrador do Hospital São Francisco de Assis.

HOMENAGEM INADIÁVEL

Ao retomarmos a publicação mensal da nossa Revista, devemos tornar publico, ainda uma vez, o penhor de nossa gratidão a quantos trabalham na Papelaria Macedo, principalmente á sua direcção cuja assistencia aos interesses de «A Defesa Nacional» foi sempre incansavel, partilhando de todos os seus dias, claros ou sombrios, sempre com o mesmo entusiasmo e com a mesma fé.

As provas de confiança e apreço que nos tem sido dispensadas pela casa Macedo obrigam a essa homenagem que gostosamente nos apressamos em fazer.

REGRAS PARA A CORRESPONDENCIA

Com o fim de facilitar os entendimentos entre os interessados e a nossa administração prescrevemos o seguinte:

- 1) Tudo que se refira á collaboração, suggestões e assumptos que lhes sejam correlatos deve ser endereçado ao *Redactor-Secretario*;
- 2) Qualquer assumpto sobre assignaturas, expedição e envio de importancias deve tratar-se com o *Redactor-Gerente* (se a remessa de valores fôr feita em vale postal — ao *Thezoreiro*);
- 3) As questões referentes a annuncios devem ser tratadas com o *Representante commercial* (endereço Candido Viegas — Caixa Postal 1206);
- 4) Sempre que se queira reitterar qualquer comunicação, deve-se fazel-o ao *Redactor-Chefe*.

MUDOU A COR DA CAPA

Essa é a novidade mais importante. Lembremos aos nossos representantes e assignantes a necessidade, a urgencia de se fazerem a cobrança, pagamento e remessa das importancias relativas ao semestre que se inicia, o mais cedo possivel. Sem isso nada poderemos fazer de estavel, permanente e util.

EXPEDIÇÃO ESPECIAL

Remettemos o ultimo numero de «A Defesa Nacional» ás seguintes pessoas:

Rosalina Coelho Lisboa Rademaker

Maria Eugenio Celso

Berta Lutz

Heloisa Alberto Torres

Miguel Calmon

Carneiro Leão

Coelho Netto

Heitor Beltrão

Rodrigo Octavio

Oliveira Vianna

Diniz Junior

Assis Chateaubriand

Muniz Barreto

Pandiá Calogeras

Moutinho Doria

Everardo Backheuser

Delgado de Carvalho

Eloy Chaves

Barbosa Lima Sobrinho e mais aos Snrs.

Almirantes José Maria Penido e Pinto da Luz.

PAGAMENTO PONTUAL E ADEANTADO

Para ser-nos possivel restabelecer a pontualidade na distribuição de «A Defesa Nacional» torna-se estritamente necessario que nossos prezados assignantes PAGUEM PONTUAL E ADIANTADAMENTE as suas assignaturas semestres.

AOS REPRESENTANTES

Pedimos encarecidamente aos nossos representantes o obsequio de nos communicar a transferencia dos assignantes, designando o novo local onde vão servir e bem assim devolver-nos os exemplares que para elles tivermos enviado, correndo por nossa conta as despesas postaes.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

Semestre	9\$000
Anno	18\$000

TABELLA DE PREÇOS DOS ANNUNCIOS CAPA EXTERNA

1 Pagina	300\$000
1/2 Pagina	150\$000

FOLHAS INTERNAS

1 Pagina	100\$000
1/2 Pagina	60\$000
1/4 Pagina	35\$000

CAPA POSTERIOR

1 Pagina	180\$000
1/2 Pagina	100\$000
1/4 Pagina	60\$000

FOLHAS COLORIDAS DENTRO DO TEXTO

Impressão de um só lado	120\$000
Impressão dos dois lados	150\$000

SALGADO GUIMARÃES & CIA.

Fornecimentos militares — Fazendas por atacado
Sirgueiros, Corrieiros, Arrieiros.

Grandes Officinas de Typographia, Lithographia,
Encadernação, Pautação, Timbragem, etc.

Papelaria, Objectos para escriptorio, Livros para escripturação,
Artigos para desenho.

26, Rua da Quitanda, 26

Telephone Central 4364

RIO DE JANEIRO

NEURASTHENIA

Contra todas as manifestações

Neuro-Sôro

Silva Araujo

BASE: Glycerophosphato de Sodio
e Strychnina - Cocodylato.

Historia Militar do Brasil

pelo

Cap. Genserico de Vasconcellos

SEGUNDA EDIÇÃO

Um grosso volume in-8.º com 600 pgs. de texto em composição compacta e grande numero de mappas a cores fóra do texto

PREÇO : { em broc. 12\$000
(livre de porte) { encader. 15\$000

Livraria Francisco Alves

Paulo de Azevedo & Cia.

Rio de Janeiro — R. do Ouvidor, 166

São Paulo — R. Libero Badaró, 129

Bello Horizonte — R. da Bahia, 1055

Typographia IDEAL

M. Marques da Silva

Rua Theophilo Ottoni, 165

Teleph. Norte 4664

Trabalhos commerciaes,

Impressão de luxo, etc.